



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - ICH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA

**COMÉRCIO DE BAIRRO E SUA METAMORFOSE DIANTE DA DINÂMICA
URBANA: UM ESTUDO DE CASO DO ENTORNO DA RUA JOÃO JACOB
BAINY - TRÊS VENDAS – PELOTAS/RS**

LUCIANO DE JESUS DA COSTA RIBEIRO

Pelotas, 2016

LUCIANO DE JESUS DA COSTA RIBEIRO

**COMÉRCIO DE BAIRRO E SUA METAMORFOSE DIANTE DA DINÂMICA
URBANA: UM ESTUDO DE CASO DO ENTORNO DA RUA JOÃO JACOB
BAINY - TRÊS VENDAS – PELOTAS/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade federal de Pelotas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia, área de concentração: Geografia Urbana.

Orientador: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira.

Pelotas, 2016

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

R484c Ribeiro, Luciano de Jesus da Costa

Comércio de bairro e sua metamorfose diante da dinâmica urbana : um estudo de caso do entorno da Rua João Jacob Bainy - Três Vendas - Pelotas/RS / Luciano de Jesus da Costa Ribeiro ; Sidney Gonçalves Vieira, orientadora. — Pelotas, 2017.

92 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1. Comércio de bairro. 2. Paisagem. 3. Dinâmica urbana. 4. Resiliência comercial. I. Vieira, Sidney Gonçalves, orient. II. Título.

CDD : 711

Elaborada por Kênia Moreira Bernini CRB: 10/920

LUCIANO DE JESUS DA COSTA RIBEIRO

**COMÉRCIO DE BAIRRO E SUA METAMORFOSE DIANTE DA DINÂMICA
URBANA: UM ESTUDO DE CASO DO ENTORNO DA RUA JOÃO JACOB
BAINY - TRÊS VENDAS – PELOTAS/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade federal de Pelotas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia, área de concentração: Geografia Urbana.

Orientador: Prof. Dr. Sidney Gonçalves
Vieira

Banca Examinadora

Presidente: Prof. Sidney Gonçalves Vieira, Dr. UNESP Rio Claro - Orientador,
UFPEL

Membro: Prof. Solismar Fraga Martins, Dr. UFSC, FURG

Membro: Prof. Giovana Mendes de Oliveira, Dra. UFRGS, UCS

Dedico essa Dissertação a todos que me ajudaram a desenvolvê-la e a concluí-la, em especial a minha esposa Lucimar Añaña Ribeiro, meus filhos Christopher Añaña Ribeiro e Alisson Añaña Ribeiro e meus pais Jaider B. Ribeiro e Olga Amélia da Costa Ribeiro e meus irmãos Claudia Ribeiro e Ricardo Ribeiro. Essas pessoas sabem bem quanto gosto delas, pelo carinho e ajuda que sempre foram fundamentais, e também meus professores do programa de pós-graduação e também aos colegas que de certa forma também me apoiaram, em especial meu orientador e minha banca de dissertação.

O Caminho da Vida "O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens... Levantou no mundo as muralhas do ódio... E tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e morticínios. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido."

(O Último discurso, do filme O Grande Ditador) Charles Chapli

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus. Agradeço a minha família, em especial à minha esposa Lucimar Añaña Ribeiro, por suportar minha "ausência" durante boa parte do tempo despedido nesta dissertação e aos membros do Conselho do Programa de Pós-Graduação em Geografia, em especial ao coordenador Adriano, pela compreensão e apoio para o término do trabalho, incluo também as colegas Tatiane, Anelise e Ju Fickel, que me apoiaram na revisão e na arte desta dissertação. E também em especial agradecimento o meu orientador Sidney Gonçalves Vieira, que diante de vários percalços de ambos conseguimos finalizar esse trabalho e continuar uma profícua amizade. Esta fase de conclusão da dissertação, que hoje vivencio, faz parte de um longo processo que me aproximou de muitas pessoas que me ajudaram. Agradeço a todas que, mesmo não estando citadas aqui, têm um lugar na minha lembrança.

RESUMO

Este estudo de caso constitui um itinerário de leituras e também de práticas investigatórias e, essas foram fundamentais para o bom entendimento da temática elegida, no caso como ponto norteador da dissertação foi colocado em análise os processos de transformação urbana e da dinâmica do comércio de bairro a partir de três elementos: o crescimento urbano/demográfico, os novos empreendimentos imobiliários e a adaptação do comércio de bairro a nova dinâmica local. Para tal temática, foi escolhido um estudo de caso do entorno da rua João Jacob Bainy, em Pelotas-RS, rua essa que está passando por grande metamorfose material, socioeconômica e acréscimo populacional, devido aos empreendimentos imobiliários instalados ali e incentivados por financiamentos oferecidos em programa governamental “Minha Casa Minha Vida”, mostrando que a paisagem está sempre em transformação e olhando-a e buscando entendê-la hoje é necessário uma análise transtemporal, juntando objetos e ações do passado e também do presente. Desta maneira foi escolhido uma análise adaptada de Lefebvre com argumentação regressivo-progressivo. Na construção desse itinerário teórico, foi elencado como fundamental a prática da pesquisa qualitativa, quantitativa e também de entrevistas estruturadas com os comerciantes e prestadores de serviços e também foram utilizados dados obtidos do IBGE e CEF, buscando assim uma aproximação da realidade apresentada e refazendo, dentro do tempo escolhido (2006/2016), o perfil socioeconômico da área estudada. Finalizando, foi verificado que o entorno da rua João Jacob Bainy apresenta condições que a tornam importante receptora de investimentos e também de equipamentos urbanos, em especial o comércio de bairro.

Palavras-chave: Comércio de Bairro. Paisagem. Dinâmica Urbana. Resiliência Comercial.

ABSTRACT

This case study constitutes an itinerary of readings and also of investigative practices and, these were fundamental for the good understanding of the chosen theme, in the case as the guiding point of the dissertation was put in analysis the processes of urban transformation and the dynamics of the neighborhood trade from Of three elements: urban / demographic growth, new real estate developments and the adaptation of neighborhood commerce to new local dynamics. For this theme, a case study was chosen around João Jacob Bainy street end Pelotas-RS, a street that is undergoing a great material, socioeconomic and population growth, due to the real estate developments installed there and encouraged by financing offered in a government program "My House My Life, "showing that the landscape is always in transformation and looking at it and seeking to understand it today requires a transtemporal analysis, bringing together objects and actions from the past and also from the present. In this way an adapted analysis of Lefebvre with regressive-progressive argumentation was chosen. In the construction of this theoretical itinerary, the practice of qualitative and quantitative research, as well as structured interviews with merchants and service providers, was also essential, and data obtained from IBGE and CEF were also used, thus seeking an approximation of the presented reality and, Within the chosen time (2006/2016), the socioeconomic profile of the studied area. Finally, it was verified that the surroundings of the street João Jacob Bainy presents conditions that make it important receiver of investments and also of urban equipment, especially the neighborhood commerce.

Keywords: Neighborhood Commerce. Landscape. Urban Dynamics and Commercial Resilience.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Mapa de Pelotas.
- Figura 2: Bairros de Pelotas.
- Figura 3: Mapa da Zona Norte de Pelotas.
- Figura 4: Três Vendas / Vila Silveira.
- Figura 5: Vila Silveira.
- Figura 6: Futura área do Condomínio Granada I e II.
- Figura 7: Condomínio Granada.
- Figura 8: Pórtico do Condomínio Granada I e II.
- Figura 9: Perspectiva aérea do Condomínio Granada.
- Figura 10: Imagem do Terreno que vai se localizar o Condomínio Sevilha.
- Figura 11: Condomínio Sevilha.
- Figura 12: Imagem atual da área em estudo.
- Figura 13: Imagem antes da instalação dos condomínios na Vila Silveira.
- Figura 14: Croqui dos lotes antes do MCMV.
- Figura 15: Mapeamento dos Condomínios e dos Comércio e Serviços em estudo.
- Figura 16: Foto da Barbearia e da Quitanda na rua J.J. Bainy.
- Figura 17: Foto da Fachada do Açougue e Conveniências na rua J.J. Bainy.
- Figura 18: Foto da Fachada do Mini-Mercado na rua J.J. Bainy.
- Figura 19: Foto antiga da Padaria (2011) na J.J. Bainy.
- Figura 20: Foto atualizada da fachada da Padaria na rua J.J. Bainy.
- Figura 21: Comércio e Serviços novos.
- Figura 22: Esquema da Evolução Conceitual de Resiliência.
- Figura 23: Foto Atual de uma Loja de Roupas e Acessórios Femininos.
- Figura 24: Foto Antiga de uma loja de Roupas e Acessórios Femininos.
- Figura 25: Comércio Adaptando-se a Acessibilidade aos Cadeirantes.
- Figura 26: Comércio Adaptando-se a Acessibilidade aos Cadeirantes.
- Figura 27: Foto de uma residência de morador antigo (1970).
- Figura 28: Foto de uma residência de novo morador (2014).
- Figura 29: Foto de uma residência de morador antigo (1980).
- Figura 30: Foto de uma residência de novo morador (2016).
- Figura 31: Futura sede da Farmácia.
- Figura 32: Prédio Multifuncional Comércio/Residência.

Figura 33: Terraplanagem do Terreno que será instalado o Quartier.

Figura 34: Placa do Programa PAC2 informando a pavimentação da rua J.J. Bainy.

Figura 35: Foto da Pavimentação da Rua J.J. Bainy.

Figura 36: Rua J.J. Bainy Asfaltada.

Figura 37: Rua J.J. Bainy Asfaltada (2017).

Figura 38: Rua J.J. Bainy Antes das Obras.

Figura 39: Processo inicial da Terraplanagem do Bairro Quartier.

Figura 40: Processo de inicial de instalação de sistema de Drenagem.

Figura 41: Croqui de divulgação do Bairro Quartier.

Figura 42: Maquete de Divulgação do B. Quartier.

Figura 43: Maquete de Divulgação da rótula do Quartier.

Figura 44: Serviços de Asfaltamento da rua J.J. Bainy.

Figura 45: A Rua J.J. Bainy Asfaltada na atualidade.

Figura 46: Bonecos colocados pelos moradores antes da pavimentação e asfaltamento como forma de crítica ao governo.

LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS E QUADROS

Tabela 1: Divisão do Bairro Três Vendas	36
Tabela 2: Faixa de Renda do PMCMV	47
Tabela 3: Dados Socioeconômicos da área estudada	48
Tabela 4: Tipologia dos Comércio e Serviços – CNAE	52
Tabela 5: Definições de Resiliência	64
Gráfico 1: Evolução da Taxa de Fecundidade – IBGE	50
Gráfico 2: Comparação Comércio Novo/Antigo.....	53
Gráfico 3: Origem das Atividades Anteriores dos Comerciantes.....	54
Gráfico 4: Opinião do Comerciante entre Desejo/Necessidade.....	62
Gráfico 5: Origem da Clientela.....	66
Gráfico 6: Comparação entre os Clientes da Vila e dos Condomínios.....	66
Gráfico 7: Diferenças Socioeconômicas entre Clientes da Vila e dos Condomínios	67
Gráfico 8: Modificações no Comércio e Serviços	68
Gráfico 9: Movimento da Clientela (hora do pico)	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A CIDADE, O BAIRRO, A VILA, A RUA E A VENDA.....	28
2.1 A Cidade	29
2.2 O Bairro “Três Vendas”	35
2.3 A Vila Silveira e o PMCMV	38
2.4 A Rua e a Venda.....	49
2.5 Necessidades e desejos	57
2.6 Resiliência Comercial e Segregação.....	63
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
BIBLIOGRAFIA:	91

1 INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa se insere nos estudos da Geografia Urbana, mais especificamente no que diz respeito à Geografia do Comércio e do Consumo. Trata-se de um estudo sobre a transformação urbana e do comércio de bairro frente ao crescimento dos empreendimentos imobiliários e os novos processos de comércio e consumo, tendo como foco um estudo de caso na Rua João Jacob Bainy, localizado no bairro Três Vendas, Pelotas-RS.

As últimas duas décadas foram marcadas por grandes choques e crises do sistema capitalista, e isso refletiu em mudanças tanto no contexto global, como também no regional, e é neste contexto de mudanças que o trabalho proposto se insere, pois ele tem como temática a sobrevivência do “comércio de bairro” frente à metamorfose urbana. Então, o trabalho constitui um itinerário de leituras das mudanças recentes sobre geografia urbana, dando ênfase ao comércio e consumo, além de colocar frente a frente a teoria com a prática em um estudo de caso.

A partir dessa ideia, a investigação é realizada com textos críticos sobre diversas temáticas, como metamorfose urbana, comércio, consumo, sociedade da abundância e a progressiva democratização do consumo, que serão permeadas no andar do trabalho. A motivação para a abordagem principal, no caso, a “metamorfose urbana e o comércio de bairro”, segundo uma perspectiva geográfica emerge, sobretudo, do fato de que essas atividades econômicas são realizadas e se desenvolvem, normalmente, em lugares reais do espaço geográfico. Segundo Cachinho (2002, p.20), os ambientes reais são bancos de ensaios adequados à teoria” e, portanto, ao adotar o comércio com a sua fase espacial, a geografia fornece a prova real de validade da teorização econômica e social.

Ademais, na construção desse itinerário teórico, elencamos como um dos elementos principais, a expansão comercial, que está em andamento, sendo isso nítido quando observamos grandes redes varejistas espalhando-se por vários lugares. Já conceituava Cachinho que os comerciantes passam de simples intermediários da produção, recebendo um forte apoio do marketing, tornam-se, progressivamente, os intérpretes dos consumidores e estes, por forçadas circunstâncias, passam a desempenhar um papel importante nas estratégias dos varejistas.

Indo mais além, na visão natural e eminentemente geográfica, o comércio e as práticas de consumo incorporam sempre uma dimensão espacial.

Segundo Cachinho (2002, p.16):

O espaço, socialmente construído, forma o contexto onde se desenrolam as práticas comerciais e interferem diretamente na sua (re)produção material e simbólica, fornecendo aos agentes do sistema um conjunto de condições para a ação. Deste modo que a conexão acontece, “os sistemas comerciais são subsistemas de outros mais vastos que se estabelecem entre si múltiplas relações, e sua evolução só poderá perceber-se na articulação com textura do espaço, edificada a diferentes escalas, desde a global à local.

Por conseguinte, a mudança sempre esteve presente no comércio urbano, principalmente quando existe, concomitantemente, uma metamorfose neste espaço, refletindo em elementos indissociáveis entre as causas e as consequências dessas transformações, sendo os comerciantes e os consumidores os seus “arquitetos” por excelência (Adaptado de Borchert, 1998). Segundo Salgueiro,

Os comerciantes, porque inseridos em ambientes sempre mais exigentes e competitivos, para expandirem os seus negócios ou simplesmente sobreviverem, necessitam de renovar permanentemente as suas estratégias de gestão, lançar no mercado novos produtos, e criar novas lojas e ambientes de consumo. Por sua vez, os consumidores, movidos por motivações pessoais ou engendradas pela sociedade, estão continuamente a renovar as suas necessidades e desejos, a alterar os seus comportamentos e a adaptar novos estilos de vida, com claros reflexos nas práticas de consumo.

Essas mudanças, por sua vez, além de abalarem a vitalidade e viabilidade econômica de muitas lojas e áreas comerciais, acabaram também por marginalizar os consumidores com menor mobilidade e poder de compra. Por essa via, faz-se importante a existência do comércio de bairro, que, com todo processo evolutivo dos grandes centros de compras, hipermercados e supermercados mostram-se ainda resistentes e resilientes, sem contar que outros surgem com ideias inovadoras nessa área de sua atuação.

Por fim, esse conjunto de análises são elementos fundamentais para a realização deste estudo de caso, o qual objetiva relacionar a metamorfose urbana e seus impactos no comércio local ou de bairro.

A problemática da pesquisa, ou sua especificação dentro da área escolhida, no caso Geografia Urbana, em especial Geografia do Comércio e do Consumo,

buscará analisar as transformações urbanas e do “comércio de bairro” sob a óptica da (re)produção do espaço. Assim, parte-se do pressuposto de que o processo de dinamização urbana está diretamente ligado à ordem mundial. Isso é abordado no trabalho, pois é fundamental, neste estudo, fazer algumas reflexões, colocando em empate “o global e o local”, dando ênfase sobre a utilização do lugar como espaço de moradia, de deslocamento ou trânsito, de consumo, de comércio, e também buscar a impressão dos moradores antigos e dos novo diante deste novo momento, o qual evidencia a necessidade de releitura sobre sobrevivência do “comércio de bairro” frente aos desafios do globalismo¹.

Nesse sentido, em um primeiro momento, é necessário entender a função urbana do Bairro Três Vendas, que, na última década, passou (e segue passando) por grandes transformações urbanas, dando-lhe um perfil de bairro dedicado ao setor terciário, com grandes Macro Atacados, Concessionárias de Veículos e Empreendimentos Imobiliários.

Num segundo momento, é necessário relacionar as transformações urbanas com a área de comércio e consumo, e, a partir daí, com as mudanças que vêm ocorrendo no espaço urbano estudado, uma vez que, além de ser um produto, esse espaço tem também um complexo de atribuições, como o lugar de relações sociais e de reprodução do capital, de comércio e de consumo, o que parte, assim, de combinações de análise entre espaço e tempo e relaciona as transformações materiais e imateriais ao longo do estudo.

(...) esta reestruturação do espaço se apresenta como um componente imediato de uma ampla reestruturação social e econômica das economias capitalistas avançadas. Determinado construído expressa uma organização específica da produção e reprodução, do consumo e da circulação, conforme esta organização se modifica, também se modifica a configuração do ambiente construído. (...) Em resumo, há sobreposições de arranjos regionais e internacionais que complicam as configurações urbanas (SMITH, 2007, p 19-20).

Em um terceiro momento, ressalta-se o pressuposto de que os grandes empreendimentos imobiliários de projetos Estatais, como o programa “Minha Casa

¹ Segundo o sociólogo Octávio Ianni, em sua obra *A era do globalismo*, o globalismo consiste em uma espécie de generalização de todas as particularidades expressas em âmbito local, provincial ou nacional, envolvendo os diferentes sistemas econômico-sociais e suas transformações. Afinal, segundo o mesmo autor, são essas realidades sociais, políticas, culturais e econômicas que se relacionam e dinamizam com a globalização do mundo, com a formação da sociedade global.

Minha Vida” (MCMV), vêm transformando o espaço e alterando o comércio e o consumo da área estudada. Assim, pode-se relacionar a reestruturação do espaço estudado como resultado do desenvolvimento desigual do capitalismo, o que leva à interpretação de que o espaço leva-nos a discutir as particularidades que compõem cada movimento das ações desenvolvidas pelos diversos atores sociais, público e/ou privados, segundo combinações que representam as mais diversas atitudes contidas nas formas e conteúdos atribuídos à dinâmica socioespacial. Apoiamo-nos, então, em Vieira para fazer essa conexão entre os empreendimentos imobiliários e a mudança do espaço de comércio e consumo, já que a paisagem urbana é caracterizada pelas localizações das diversas formas comerciais estruturadas nesse espaço, com uma funcionalidade expressa pelas atividades instaladas em cada ponto. Com isso, (re)cria-se uma imagem que se insere na incessante renovação do próprio processo de (re)produção do capital, que, por sua vez, associa-se à (re)produção dos espaços vivenciados pela cotidianidade e pela generalização da mercadoria, ou seja, o próprio espaço é concebido como uma mercadoria que tem o seu uso definido pela dinâmica do mercado, cuja “produção imobiliária é um forte indicador de áreas de crescimento intraurbano. Os investimentos do capital imobiliário refletem claramente as tendências de localização das atividades na cidade” (VIEIRA, 2002, p. 274).

Esses empreendimentos imobiliários são, muitas vezes, acompanhados de uma série de políticas públicas que resultam em alterações de infraestrutura e refletem em valorização do lugar. Também podemos citar a participação de empresas privadas direta ou indiretamente que passam a se adaptar a essa renovação urbana, pressupondo, assim, que o estudo da Geografia Urbana de Comércio e do Consumo se faz necessário. Com isso, esse estudo objetiva o aprofundamento do “olhar geográfico” sobre o espaço estudado e o tempo proposto. O cerne do trabalho repousa nas atividades comerciais e de serviços locais, que buscam suas adaptações a essa nova realidade, com foco na temática “comércio de bairro e sua metamorfose diante da dinâmica urbana”. Para apoiar a ideia, Carlos 1997:

O ser humano guarda múltiplas dimensões, seu processo de constituição, ou do nascimento do diferente contraponto do normatizado. O saber pensar o espaço apontado por Milton Santos como fundamental para o Geógrafo, se coloca nesta perspectiva.

É importante conectar temas como espaço urbano, capital, comércio e resiliência para fazer uma boa interpretação da temática principal. Segundo Castell, “(...) o urbano expressa os contrastes do espaço produzido pela sociedade, onde o capital e o trabalho julga as prioridades e diretrizes do processo de produção do espaço”. Sendo assim, o espaço está em plena transformação, expressa no cotidiano da cidade, principalmente onde o fluxo de capital é mais ativo, resultando em novas paisagens, modificando lugares, hábitos e consumo, conforme discursa Castells:

As pessoas ainda vivem em lugares, mas, como a função e o poder em nossas sociedades estão organizados no espaço de fluxos, a dominação estrutural de sua lógica altera de forma fundamental o significado e a dinâmica dos lugares (CASTELLS, 2008).

Portanto, reforça-se que este trabalho constitui um itinerário de leituras e também de práticas investigatórias as quais, segundo Foucault, não se podem limitar ao visível, ou seja, temos que ir além das percepções geográficas, pois nesta relação entre o sujeito e o objeto a percepção poderá ser diferente conforme o sujeito que está percebendo, momento em que repousa a subjetividade. Dessa forma, buscaremos opções teóricas e metodológicas capazes de clarificar essas questões que instigaram o desenvolvimento desta dissertação, como caracteriza Carlos (2008, p. 58):

Difícilmente pode-se olhar a paisagem e abstrair seu movimento intrínseco, ignorar as pessoas, e sentir que há uma identidade entre eles. O andar apressado, o olhar distante e frio, um único pensamento; o de chegar rápido em algum lugar para se fazer alguma coisa. Uma multidão amorfa. A liberdade perdida (ou quase). O sentido da vida depreciado, o embrutecimento dos sentimentos, os sonhos cada vez mais distantes, às vezes esquecidos. Falta tempo para sonhar, para as utopias. (...) O urbano marca não só o ritmo da vida, mas o modo de vida e o pensar a vida.

Por fim, o estudo dos conceitos paisagem, comércio e consumo são fundamentais para a correta compreensão desta pesquisa, e é relevante definir exatamente o significado de alguns termos empregados ao longo deste trabalho, a fim de evitar entendimentos ambíguos e errôneos no decorrer da leitura e do trabalho.

Para a Geografia, o estudo da paisagem, desde a gênese de seu pensamento, sempre representou um desafio instigante e central, desse modo, em todo o desenvolvimento do conhecimento acumulado, muito se tem produzido sobre esta categoria de análise. Assim, a paisagem se constitui num dos mais antigos focos da Geografia, tendo seu método de investigação sofrido grandes mudanças no tempo.

Desde Paul Vidal de La Blache, que afirmava ser a paisagem “o que o olho abarca com o olhar”, muitas alterações ocorreram no mundo e o pensamento geográfico foi se atualizando. Pierre George (1970), por exemplo, ao definir a paisagem como “a porção do espaço geográfico analisada visualmente”, insere a questão da análise em complementação à descrição que vinha sendo aplicada nos estudos geográficos. Enfim, chega-se a Milton Santos, o qual, em seus vários ensaios, dizia que a paisagem é fruto da construção do que aconteceu no passado e que está ocorrendo no presente, se caracteriza por uma distribuição de forma e objetos.

Para dar maior ênfase, novamente Santos (2006, p. 67):

A paisagem se dá como um conjunto de objetos reais-concretos. Nesse sentido a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. (...) Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico.(...) A paisagem é, pois, um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável (...)

Logo, a geografia é vista como ciência social, então valoriza a ação da sociedade na paisagem e, neste sentido, a observação e a interpretação da paisagem são os pontos de partida para o entendimento das relações entre sociedade e natureza, o que nos ajuda a compreender melhor o mundo em que vivemos. Nesse sentido, percebi, no meu cotidiano, a mudança da paisagem urbana, já que sou morador do lugar em estudo, o qual vem mudando de funcionalidade urbana, principalmente na área de comércio e do consumo, sendo assim, senti a necessidade de estudá-lo, perpassando por alguns momentos, na análise Lefebvriana, buscando a decodificação pelo cotidiano, na sua tríade teórica: “vivido - percebido - concebido”, pois, para ele, o espaço é fruto das relações sociais e do tempo, e o trabalho proposto tem a inclinação para as ideias de Lefebvre, com a argumentação regressivo – progressivo. Regressivo, indo do atual ao passado; progressivo, indo do atual para o virtual ou futuro, movendo-se do superado e do finito ao movimento que prenuncia esse fim.

A cidade está em constante metamorfose, como aborda Lefebvre:

A cidade muda, com implicações arquitetônicas: a fachada, o alinhamento, o horizonte. Essa produção de um novo espaço, o perspectivo, não se separa de uma transformação econômica: crescimento da produção e das trocas, ascensão de uma nova classe, importância das cidades etc. Mas o que efetivamente se passou não teve a simplicidade de um encadeamento causal. O espaço novo foi concebido, engendrado, produzido para e pelos príncipes?

Por ricos mercadores? Por um compromisso? Ou pela cidade enquanto tal? Mais de um ponto permanece obscuro. A história do espaço (como a do tempo social) está longe de ser esgotada.

Ao fazer uma analogia sobre a paisagem, e relacioná-la com o comércio e o consumo, fica clara a importância de visualizar as transformações desta paisagem e correlacioná-las com a ideia de que a capacidade de consumo passou por metamorfoses ao longo das últimas décadas, o que mostra um reflexo da dinâmica socioeconômica mundial. Assim sendo, o lugar passa a ser um espelho da dinâmica de reprodução da cultura de consumo que realimentou o sistema capitalista, e logo o comércio passou a ter que se adaptar com isso. Diante dessa visão, a microanálise do trabalho é uma reflexão de como a paisagem se transforma como o auxílio do comércio e o consumo do lugar estudado, e tendo como o principal objeto de estudo o “comércio de bairro e sua metamorfose diante da dinâmica urbana”. No que tange o objeto de estudo desta pesquisa, no caso, o comércio de bairro da rua João Jacob Bainy, que se localiza no bairro Três Vendas, no município de Pelotas, é necessário expressar teorias que vão ao encontro do que ocorre no espaço global e que reflita também no local, assim, o trabalho tem essa objetividade ao se discutir sobre a relação entre o local e o global, e é imperioso atentar para a questão da escala geográfica, pois essa problemática inclui a relação e a inseparabilidade entre tamanho e fenômeno (CASTRO, 2001).

Sendo assim, a pesquisa analisará a dialética entre as determinações globais e as narrativas locais, como afirma Santos (1997):

É pelo lugar que o mundo é revisto e o homem ajusta a sua interpretação, é nele que o permanente e o real triunfam sobre o movimento, o passageiro e o que é imposto de fora.

Ainda, de acordo com Carlos:

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade *habitante - identidade - lugar*. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo.

Quanto à escolha do lugar ter sido a “rua”, destaco que é dessa fragmentação que se faz o todo, ou seja, a cidade, ou uma parte dela, no caso o

bairro, o qual é feito por várias ruas. Portanto, estudando uma “rua” poderemos compreender quase a totalidade, além de promover uma dicotomia entre uma escala grande e outra pequena. Para representar essa rua, insiro a temática com foco na Rua João Jacob Bainy, rua essa que vem passando por grandes transformações urbanas e, por consequência, também na sua funcionalidade. Ela que sempre teve um perfil domiciliar vem constituindo uma paisagem de rua comercial, logo é necessário fazer essa simultaneidade de elementos no estudo. Para a importância desta microanálise, cito Carlos (2008, p. 79):

Podemos afirmar que a vida aí é inesgotavelmente rica e plena de energia — é o nível do vivido. Na rua encontra-se não só a vida mas os fragmentos de vida, é o lugar onde o homem comum aparece ora como vítima, ora como figura intransigente e subversiva. No movimento da rua encontra-se o movimento do mundo moderno. “Não posso dizer o quanto me fazem falta as ruas”, escreve Charles Dickens de Lausanne onde trabalhava, “é como se elas fornecessem algo ao meu cérebro do qual ele não pode prescindir para poder trabalhar (...) minhas personagens parecem querer ficar quietas se não têm uma multidão ao redor.

Sigo com Carlos, para evidenciar a importância da “rua” como dimensão geográfica:

A rua se coloca como dimensão concreta da espacialidade das nas relações sociais num determinado momento histórico, revelando nos gestos, olhares e rostos, as pistas das diferenças sociais. A rua também é o lugar da desordem, na medida em que os elementos da vida urbana, imóveis na ordem fixa, se liberam e para aí afluem.

Pode-se pensar na escolha de várias alternativas para abordar a temática, mas a primordial é o “comércio de bairro e sua metamorfose diante da dinâmica urbana”, pois acredito que esse objeto de estudo trará para o trabalho várias indagações as quais contribuirão para a confecção da temática, uma vez que cidade é um conglomerado de elementos, entre eles está o comércio, em várias escalas, e estas se manifestam de várias formas e conteúdos. Assim, cito Salgueiro e Cachinho, 2009, que norteará uma parte da temática:

O comércio faz parte da razão de ser da cidade. Viabiliza sua existência, explica sua organização e justifica muito do movimento e animação que nesta acontece. Por meio do comércio e dos lugares onde este se exerce, as pessoas satisfazem suas necessidades, realizam desejos, veicula-se informação, difundem-se inovações, criam-se laços de sociabilidade. Em suma, no comércio reside o verdadeiro embrião da vida urbana naquilo que

esta pressupõe de interação, de troca, em sentido lato e de produção de inovação (SALGUEIRO, CACHINHO, 2009).

Ainda, para Lefebvre,

(...) a rua é, por meio deste espaço, um grupo (a cidade mesma) se manifesta, aparece, se apropria dos lugares, realiza um tempo-espaço apropriado; uma tal apropriação mostra que o uso e o valor de uso podem dominar a troca e o valor de troca. Quanto ao movimento revolucionário, ele se passa geralmente na rua.

De acordo com os autores citados, podemos perceber que a condição primordial para o surgimento das cidades está pautada na divisão social do trabalho que se fortaleceu, ainda mais, com o processo de industrialização, favorecendo também um convívio de pessoas de várias origens sociais, étnicas, políticas e religiosas. É na rua que tudo isso se manifesta e se impõem, de forma agregatória e segregatória, visto que ela é o palco do cotidiano urbano das relações produtivas e reprodutivas do capitalismo. Não só muitos a têm como um lugar de passagem, de moradia, mas também temos aqueles que veem nela o ambiente de comércio e de consumo. Na perspectiva da Geografia Humanista, o principal enfoque de análise do trabalho, os valores simbólicos expressam o espaço vivido, este que, segundo Gomes (1996, p. 319), pode ser exemplificado assim:

O espaço vivido deve, portanto, ser compreendido como um espaço de vida, construído e representado pelos atores sociais que circulam neste espaço, mas também vivido pelo geógrafo que, para interpretar, precisa penetrar completamente este ambiente. Cada geógrafo deve possuir “sua” região, “seu” espaço, e a proximidade física e afetiva são elementos fundamentais nesta conduta.

De acordo com Carlos (2007), a atividade social teria o espaço como condição de sua realização (p. 41). A partir dessa premissa e para além dela, podemos estabelecer que a rua é o palco, e nós, seus atores, que com nossa atuação, com as nossas práticas cotidianas, perfazemos o lugar. Por isso, a cada momento histórico, o território de uma cidade pode ser visto como um campo de forças que operam sobre formas “naturais e artificiais”, e ela, no caso a cidade, está impregnada de relações sociais, políticas, econômicas e ambientais. Mas essas formas têm um papel dinâmico, participando na produção em maior ou menor escala, finalizando com o fundamental, - é o “olhar” do pesquisador e o “caminhar” da pesquisa que definirão

seu estudo. Finalizo, pois, com *"O olhar deseja sempre mais do que o que lhe é dado a ver"* (NOVAES, 1997, p.9).

Primeiramente, a pergunta que se faz é: "As transformações urbanas ocorridas na área estudada impulsionaram e metamorfosearam o comércio de bairro?"

Pois bem. O espaço urbano se caracteriza pela heterogeneidade de elementos, e um desses elementos é o comerciante inserido neste espaço. Isso vem se intensificando cada vez mais. Como primazia tínhamos o "centro", mas a periferia urbana imediata vem também recebendo investimentos e o fluxo comercial é resultado da descentralização dessa atividade econômica. Diante disso, devemos supor que dentro de uma cidade está inserido um complexo de atores formadores da sociedade, sendo assim, a escolha de uma rua que está em processo de dinâmica urbana, de crescimento demográfico e de metamorfose comercial servirá como recorte desse complexo, principalmente no que tange à geografia urbana e a do comércio e consumo. As mudanças no comércio global refletem também no local, e as formas de consumo estão ligadas às grandes transformações sociais nas duas últimas décadas. Para, então, dar maior embasamento, citamos Cachinho (2002):

A mudança sempre esteve presente no comércio urbano, sendo os comerciantes e os consumidores os seus arquitetos por excelência. Os comerciantes, porque inseridos em ambientes sempre mais exigentes e competitivos, para expandirem os seus negócios ou simplesmente sobreviverem, necessitam de renovar permanentemente as suas estratégias de gestão, lançar no mercado novos produtos, e criar novas lojas e ambientes de consumo. Por sua vez, os consumidores, movidos por motivações pessoais ou engendradas pela sociedade estão continuamente a renovar as suas necessidades e desejos, a alterar os seus comportamentos e a adaptar novos estilos de vida, com claros reflexos nas práticas de consumo.

Assim, dentro desse contexto, partiu-se da hipótese de que a atividade comercial na Rua João Jacób Bainy está em processo de adaptação, devido aos novos contingentes de moradores, que, com perfis diferentes, direcionam os setores comerciais, ao quais também oferecerem serviços e produtos diferentes, colocando, assim, uma competição do setor de comércio. Portanto, essa hipótese norteará a pesquisa e a temática "comércio de bairro e sua metamorfose diante da dinâmica urbana" da Rua João Jacob Bainy e seu entorno.

Como objetivo norteador da dissertação colocamos como destaque e em análise os processos de transformação urbana e da dinâmica do comércio de bairro a

partir de três elementos: o crescimento urbano/demográfico, os novos empreendimentos imobiliários e a adaptação do comércio de bairro a nova dinâmica local.

Esta análise buscou relacionar o local com o global, enfatizando o “comércio de bairro”, que vem passando por modificações e adaptações endógenas e exógenas, no caso estudado. Endógenas no que tange à reengenharia da atividade produtiva e de prestação de serviço do próprio comércio, como criar/utilizar técnicas que não eram utilizadas anteriormente. Já, as adaptações exógenas estão ligadas à capacidade de manter os clientes tradicionais e captar nova clientela, que se mostra um novo mercado com diferentes características e vontades de consumo.

Diante dos demais objetivos observamos a análise da dinâmica socioeconômica da área estudada, pois ao analisar a dinâmica, temos um indicativo de transformação da população assentada e também do comércio novo e resiliente, que ali se encontra. Também foi necessário Identificar o perfil do setor terciário (comércio e serviços) localizado da rua João Jacob Bainy, objetivando assim desenhar o perfil do setor terciário da área estudada, tanto do antigo resiliente como do novo, estabelecendo um amplo acesso às informações, que, somadas ao objetivo anterior, auxiliou em uma boa interpretação do objeto em estudo. Foi fundamental a verificação entre os comércios resilientes e os novos comércios, com seus clientes antigos e novos, pois, desta forma, foi relacionado o constante conflito entre o “novo e o velho” na macro escala, e o trabalho tem o propósito de verificar isso no ambiente micro, ou seja, na rua João Jacób Bainy.

Outro objetivo relevante foi a identificação dos novos empreendimentos imobiliários instalados no período temporal (2006/2016) relacionado ao estudo depreende-se como um dos principais elementos do trabalho, pois os programas de habitações e empreendimentos imobiliários, no caso o Minha Casa Minha Vida (PMCMV), apoiados pelo poder público, deram uma nova roupagem a paisagem e ao lugar, além de deslocar uma parte da população original, que aproveitou o momento de valorização imobiliária que resultou em supervalorização do terreno e/ou imóvel para vendê-lo, concomitantemente temos a atração de populações de outros lugares, estas, muitas vezes, com comportamentos de consumo e padrão socioeconômico diferenciado.

Por fim, todos os objetivos desse trabalho estão interligados e pautados no propósito principal e na investigação da dinâmica do setor terciário da rua João Jacob Bainy e seu entorno e a transformação da paisagem. Segundo Santos (2006):

A paisagem se dá como um conjunto de objetos reais-concretos. Nesse sentido a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. [...] Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico.[...] A paisagem é, pois, um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável [...]

No espaço urbano, mais precisamente na rua, vemos as formas que a paisagem se torna e se transforma, resultante de um passado construído e um presente em construção, que resultará em um futuro desconhecido. Eduardo Yázigi na sua obra Paisagem e Turismo (2002), diz que há uma infinidade de paisagens no espaço e no tempo, mutáveis com a história e com a própria dinâmica da natureza.

1.1 Fundamentos Teóricos - Metodológicos

Acerca do processo de investigação deste trabalho, afirma-se que se constitui sob uma pesquisa descritiva quali-quantitativa, a qual entendemos como a metodologia do pensamento e da prática exercida na abordagem da realidade, incluindo, simultaneamente, a teoria da abordagem, os instrumentos de operacionalização do conhecimento e a criatividade do pesquisador (MINAYO, 2012).

A escolha do método da pesquisa repousa no Estudo de Caso. Após as análises de vários outros métodos, chegamos à conclusão de que esse seria o método mais efetivo para o objeto estudado, no caso, comércio de bairro e sua metamorfose

diante da dinâmica urbana. Segundo Yin (2005), o estudo de caso pode ser tratado como importante estratégia metodológica para a pesquisa em ciências humanas, porque permite ao investigador um aprofundamento em relação ao fenômeno estudado, revelando nuances difíceis de serem enxergadas “a olho nu”. Além disso, o estudo de caso favorece uma visão holística sobre os acontecimentos da vida real, destacando-se seu caráter de investigação empírica de fenômenos contemporâneos.

Para tanto, a metodologia deste trabalho foi dividida em três etapas, quando a primeira foi realizada por um levantamento das empresas (Comércio de Bairro), que foram estudadas, objetivando fazer uma análise com olhar geográfico e levando em conta a importância do processo de formação da área demarcada para o estudo, além de dar ênfase ao método regressivo-progressivo, inspirado em Henry Lefebvre, descrito por Martins (1996). Nesse método, houve o reconhecimento de uma “dupla complexidade da realidade social: Vertical e Horizontal”. Então, inicialmente, será feita uma descrição do visível, ao analisar o presente. Com isso, é importantíssima a definição territorial da área estudada, no caso a Rua João Jacob Bairy, e a temporalidade, que está entre 2006 até 2016.

Nessa visão, Martins vai mais além:

Cabe ao pesquisador reconstituir, a partir de um olhar teoricamente a diversidade das relações sociais identificando e descrevendo o que vê. Esse é o momento descritivo do método. Nele, o tempo de cada relação social ainda não está identificado. O pesquisador procede mais como etnógrafo. O segundo momento é analítico-regressivo. Por meio dele mergulhamos na complexidade vertical da vida social, e a coexistência de relações sociais que tem datas desiguais. Nela a realidade é analisada, decomposta (MARTINS, 1996, p.21).

Seguindo na mesma etapa, foi realizado um trabalho de campo embasado em entrevistas (Focadas, Estruturadas e Abertas) e questionários direcionados, primeiramente, aos proprietários dos comércios, com a finalidade de classificar o tipo de comércio estudado e a visão e expectativa do comerciante diante da metamorfose

urbana da área estudada. Isso tudo relacionado ao objeto principal da pesquisa: comércio de bairro e sua metamorfose diante da dinâmica urbana.

Em termos metodológicos, essas constatações práticas e teóricas se traduzem num conjunto de procedimentos voltados a explorar especificamente a “dupla complexidade” da realidade urbana da última década, com a qual a pesquisa trabalha, porque o local estudado se depara com as metamorfoses internas e externas e isso reflete diretamente no “Comércio de Bairro”. Assim, a análise da complexidade horizontal é fundamental em um primeiro momento, já que busca a interpretação do hoje, porém, em um segundo momento, a complexidade vertical aprofundará o diagnóstico da pesquisa e buscará uma análise de épocas, o que torna entrevistas e questionários fundamentais para que se vislumbre a ordem próxima e distante da metodologia em questão. Sobre isso, Vieira discursa:

Sob esse ponto de vista, tem-se um instrumento metodológico, o método regressivo progressivo de que nos fala Lefebvre. Por - intermédio deste instrumento, capaz de identificar no presente as diferentes temporalidades da história, pode-se analisar o real sobrepondo-se à concepção de contemporaneidade das relações sociais. Se aparecem juntas no presente, as relações sociais, para serem entendidas de maneira correta, precisam ser datadas, precisam ter suas origens vinculadas a uma determinada data, para que se demonstre que a coexistência delas no tempo atual esconde a gênese em processos diferentes no passado (VIEIRA, 2004, p. 152).

A segunda etapa foi feita com o auxílio do programa de geoprocessamento, ou seja, houve o mapeamento da área estudada objetivando explorar o “antes” e o “agora”. Esse procedimento corresponde, na verdade, à ampliação da visão geográfica para o objeto estudado, uma vez que, neste momento do trabalho, objetivamos a comparação do espaço estudado em diferentes momentos. Também foram fundamentais as entrevistas com os comerciantes antigos, os quais contribuíram muito com o estudo e foram atores principais ao deixar claras as mudanças ocorridas em relação ao “Comércio de Bairro” no período escolhido para o trabalho e, por fim, os auxílios dos referenciais teóricos.

Segundo, então, Lefebvre:

Depois de descrever, por meio também da “observação do local”, cabe ao pesquisador “datar” a realidade descrita, a fim de, assimilar as “modificações desta ou daquela estrutura previamente datada, causadas pelo desenvolvimento ulterior (interno ou externo) e por sua subordinação às estruturas de conjunto (LEFEBVRE, 1981a, p. 173).

Já, segundo Santos, um método é um conjunto de proposições – coerentes entre si – que um autor ou um conjunto de autores apresenta para o estudo de uma realidade, ou de um aspecto da realidade.

Nenhum método é eterno. Modifiquei o meu próprio várias vezes, em função da minha experiência e da dos outros, mas sobretudo em função de como o mundo se apresenta, já que não posso inventar o mundo: invento uma forma de interpretação, pois o mundo existe independentemente de mim. Eu vejo o mundo constituído de fixos e de fluxos, por uma paisagem e relações sociais; como um conjunto de lugares onde o acontecer simultâneo dos diversos agentes supõe o uso diferenciado do tempo. O meu papel como geógrafo é de entender como as relações e os objetos se mantêm em processo interativo. Essa interação tem como uma das condições o tempo. O tempo é a base indispensável para o entendimento do espaço. Se as ações sobre um conjunto de objetos se dessem segundo tempos iguais, não haveria história; o mundo seria imóvel. Mas o mundo é móvel, em transformação permanente – formando uma totalidade em processo de mudança para surgir amanhã como nova totalidade (SANTOS, 1994, p.166).

Em uma terceira e última etapa, após todas as atividades realizadas, como observação da área, pesquisa de campo, levantamento e geoprocessamento do lugar e os questionários e entrevistas aplicados com os comerciantes, colocamos tudo isso em análise para realizar uma integração das informações práticas e teóricas. Com isso, fazer a interpretação do material, e, a partir dele, buscar a fundamentação do Estudo de Caso, dos elementos e dos fenômenos em andamento observados, como as mudanças dos comércios e serviços locais para se adaptarem também ao novo perfil de consumidores que a Vila Silveira está proporcionando.

2 A CIDADE, O BAIRRO, A VILA, A RUA E A VENDA

Parafraseando Ortigoza (2009), que explana em busca desta ligação comércio e dinâmica urbana, diz que: o comércio é, por excelência, uma atividade urbana que, apesar das inúmeras potencialidades, na atualidade, do comércio eletrônico, dificilmente deixará de ser no futuro. Os requisitos de centralidade e acessibilidade a par das economias de aglomeração e a função de entretenimento que desempenha são fatores que explicam, em grande medida, esta forte sobreposição. De fato, quando os consumidores escasseiam, como acontece nas aldeias e pequenas vilas, o comércio desaparece ou limita a sua presença às funções mais básicas, de uso cotidiano. As restantes, que oferecem bens e serviços de aquisição ocasional, são disponibilizadas nestes lugares pelos vendedores

ambulantes, ou pelas feiras, verdadeiros centros comerciais temporários, de periodicidade e área de influência variável (BARATA-SALGUEIRO; CACHINHO, 2009). Dessa forma, as relações entre o comércio e a cidade perdem-se no tempo. Se nem todas as cidades são “filhas do comércio”, como sugeriu Pirenne (1969), a verdade é que, em nenhuma civilização, a vida urbana floresceu sem a presença das trocas (BARATA SALGUEIRO, 1996).

Assim como uma cidade se metamorfoseia, o comércio segue o mesmo caminho, isso fica claro com uma análise de nível organizacional espacial que se mostra na área estudada, segundo Cachinho (2009), este processo de descentralização dos tecidos comerciais e exploração do simbolismo e das ambiências dos lugares de consumo resultou num enfraquecimento do papel do centro da cidade e dos bairros tradicionais, enquanto espaços de compra e abastecimento. Nos tempos pós-modernos e hiper-modernos, o interesse dos investidores da distribuição reside cada vez mais nos subúrbios, indo nesta direção a pesquisa procurou essa vertente, o comércio de bairro.

Portanto, o processo de crescimento e urbanização se dinamizam-se impulsionados por fatores de produção e, especialmente, pelas novas decisões de localização e investimentos, muitas das quais em função da implementação acumulativa e isso foi verificado no processo de investigação deste trabalho.

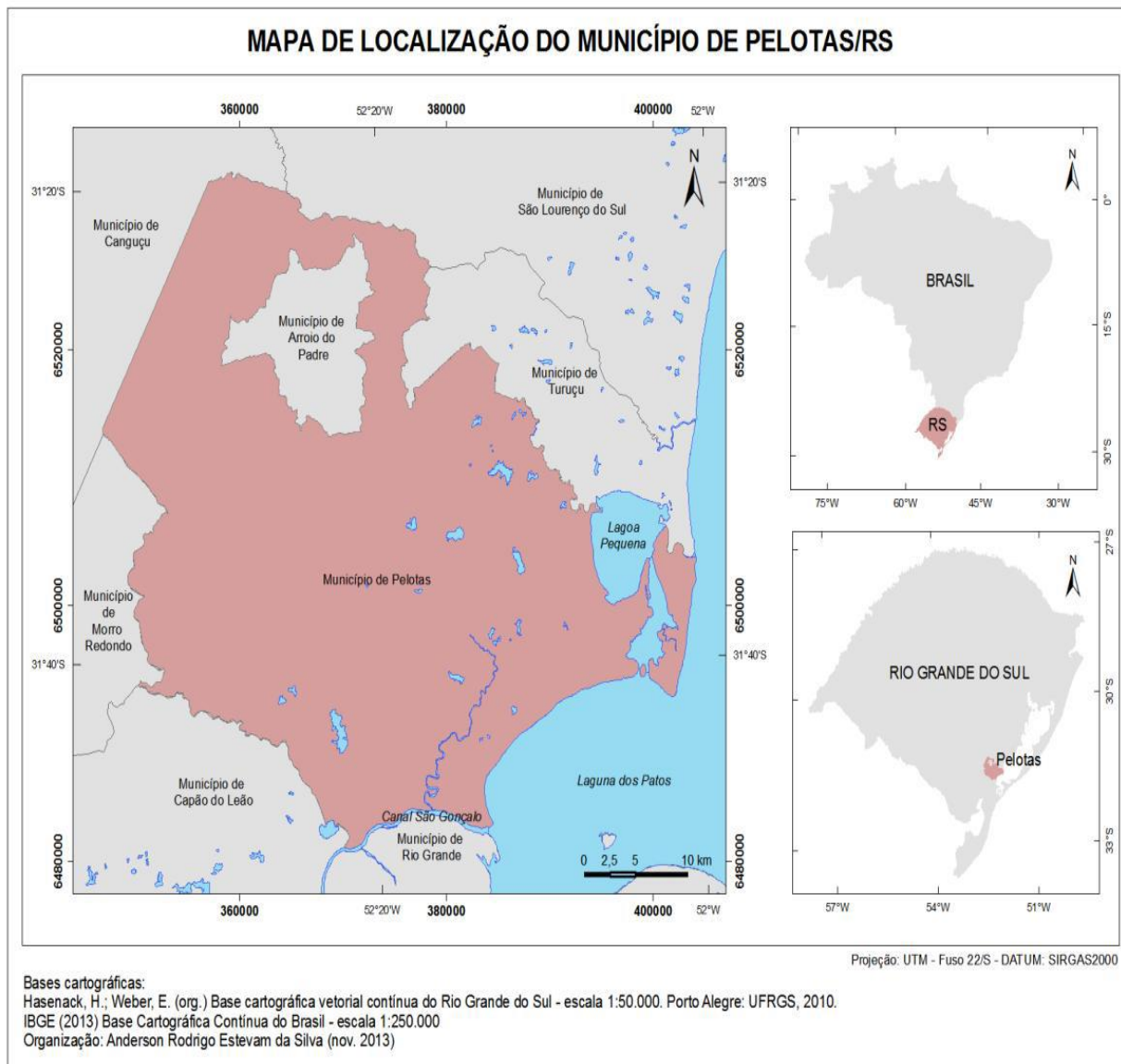
2.1 A Cidade

No caso em estudo, temos a cidade de Pelotas, que está localizada no sul do estado do Rio Grande do Sul, e, de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, esta possui uma área territorial de 1.610,091km² e sua população totaliza 328.275 habitantes, sendo que a população residente no meio rural do município corresponde a um percentual de 6,7% dos habitantes, em contraste com 93,3% do espaço urbano (IBGE, 2010). A formação histórico-espacial do município foi marcada pela presença de imigrantes de diversas nacionalidades, destacando-se os italianos, franceses, portugueses, alemães e pomeranos. Essas características étnicas e culturais, juntamente com as especificidades físicas do espaço geográfico de Pelotas, ajudaram a diversificar, de certa forma, a produção do município no que

tange às atividades produtivas. O município de Pelotas é considerado um centro regional da metade sul do Estado do Rio Grande do Sul, tendo como municípios limítrofes: ao norte, Turuçu, São Lourenço e Canguçu, ao sul, Rio Grande, a leste a Laguna dos Patos e a oeste, Morro Redondo, Capão do Leão e Pedro Osório (vide figura 1). Sendo que apresenta em seu interior, o município de Arroio do Padre, emancipado em 1997, a qual todos os limites deste município, fazem divisa com Pelotas, como se fosse uma "ilha".

Ainda, a ocupação definitiva do município ocorreu em duas etapas. Inicialmente, com a distribuição dos lotes das sesmarias, quando predominou a colonização portuguesa e, em um segundo momento, marcado pela chegada dos imigrantes europeus não portugueses. O município originou-se na economia primária, principalmente, em função da produção de charque, implantada no ano de 1780 pelo português José Pinto Martins, oriundo do Ceará, o qual fundou a primeira charqueada às margens do Canal São Gonçalo.

Figura 1- Município de Pelotas, RS



Fonte: HASENACK, H. WEBER, E. Base vetorial contínua do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Org. SILVA, Anderson R.E., novembro de 2013.

Para maior ênfase da formação dessa cidade, destaco Magalhães (1999),

A indústria saladeril teve notável importância econômica na formação sócio espacial do município, permitindo o progresso e, possibilitando, uma efervescente vida cultural à cidade. Por isso, a sombra das charqueadas, Pelotas transformou-se, de incipiente povoação, na cidade que será durante todo o século XIX, uma das mais ricas e adiantadas da província (MAGALHÃES, 1999, p. 20).

Saliento, ainda, que esse município se caracterizou pela presença histórica do comércio do charque como mola propulsora de seu desenvolvimento, e os bairros mais antigos também se originaram direta ou indiretamente apegados a essa atividade

econômica. Diante desse histórico, o espaço geográfico da cidade passou a se configurar e a refletir a desigualdade socioeconômica que se dá principalmente pela centralidade, em que os antigos casarões e o comércio central representam. Já os bairros passam a ser o refúgio da parcela menos abonada da sociedade, que deu forma a essa base econômica, no caso o comércio do charque, o qual entrou em decadência nas duas primeiras décadas do século XX. Contudo, diante disso, o centro comercial já estava se formando, assim também estava se constituindo uma ordem social de centro e periferia. Pelotas já nessa época contava com importante aparelho comercial, sendo que o desenvolvimento das atividades de varejo garantia ao centro, segundo Lopes (2007, p. 38), um visível desenvolvimento:

De fato, a cidade crescia e se modernizava. A construção de edifícios comerciais nas principais ruas do centro revela a dimensão do desenvolvimento econômico e urbano da cidade, já que os mesmos eram construídos para abrigar atividades tipicamente urbanas, como escritórios médicos, de advocacia, contábeis, de engenharia e de representações comerciais. A valorização das ruas comerciais se efetivava com a construção dos altos edifícios, alguns com finalidade residencial; o que implantou também uma nova forma de viver e morar na cidade. Deste modo, se produzia uma diferenciação entre o espaço central, monumental e moderno, e um espaço periférico, onde se mesclavam as incipientes marcas da paisagem urbana em transformação e um ambiente ainda rural. O espaço central, dotado de novas infraestruturas e de intenso movimento comercial, é também um espaço onde diversos agentes passam a se movimentar de acordo com seus interesses imediatos e futuros. Todas estas mudanças na paisagem da cidade; revelam também uma nova ideologia urbana qual os altos edifícios se impõem no cenário da urbe, como os ícones máximos do processo de modernização e indicativos de prosperidade.

Nesta perspectiva, observa-se que os espaços urbanos de Pelotas se constituem ao longo da história condicionado às imposições momentâneas do tempo.

Desse modo, a primeira delimitação da estrutura urbana de Pelotas reconheceu cinco grandes áreas dentro do perímetro urbano, no entender de Vieira (1997, p.178-180):

O centro é constituído por um núcleo denso e bastante homogêneo. Bem consolidado, é facilmente delimitado. Desenvolve-se desde as margens do canal São Gonçalo ao Sul, tendo como limite oeste o canal Santa Barbara, limite leste a Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira e ao norte as avenidas D. Joaquim e Francisco Carúcio. (...) Para oeste do Centro, houve a formação do bairro Fragata, com início no canal Santa Barbara. É um bairro que possui contornos visíveis e limites bem demarcados. (...) Em direção ao leste, o bairro Areal, se desenvolveu como um outro prolongamento natural do centro. (...) O bairro Três Vendas se formou ao norte do Centro. Constitui também uma importante área de crescimento acentuado demograficamente. (...) No extremo leste da cidade, os balneários da praia do Laranjal, na Lagoa dos Patos, formam a área sem limites diretos com o centro. Esta divisão constitui o marco inicial para o estabelecimento de fronteiras na cidade.

Nesse contexto, o centro principal exerceu grande influência na formação de “fronteiras” dentro do espaço urbano pelotense. Percorrendo a linha do tempo, atualmente, de acordo com o III Plano Diretor da cidade de Pelotas (2008), Art. 47, parágrafo I, a área Urbana do Município está composta por sete Macrorregiões (Regiões Administrativas), as quais são: Centro, Fragata, Barragem, Três Vendas, Areal, São Gonçalo e Laranjal.

Olhemos, então, como apresenta Carlos (2005):

A cidade tem um papel nas transformações do processo de produção; nos quadros da reprodução social a cidade se revela revelando o quadro da generalização da troca, da constituição do mundo da mercadoria, da instauração do cotidiano, da concretização, da ordem local, da ordem distante, apontando no lugar a realização da sociedade enquanto sociedade urbana. Neste sentido a sociedade atual contemporânea aparece como sociedade urbana em constituição, o que significa que ao mesmo tempo em que caracteriza uma realidade concreta, também sinaliza uma tendência, a possibilidade de sua realização. Nessa perspectiva o urbano aparece como realidade mundial, ultrapassando conceitos parciais e impõe um método que pensa a prática urbana em sua totalidade, no plano mais amplo, aquele da reprodução das relações sociais (CARLOS, 2005, p. 16).

A sociedade está em processo de transformação e não é diferente no caso do estudo urbano de Pelotas, conferindo-lhe paisagens e formas urbanas em constante dinâmica. Ainda, quando colocamos na dialética espaço-tempo, isso fica mais evidente.

Carlos comprova:

O processo de constituição da sociedade urbana produz transformações radicais nas relações espaço-tempo que se dão no plano do vivido enquanto

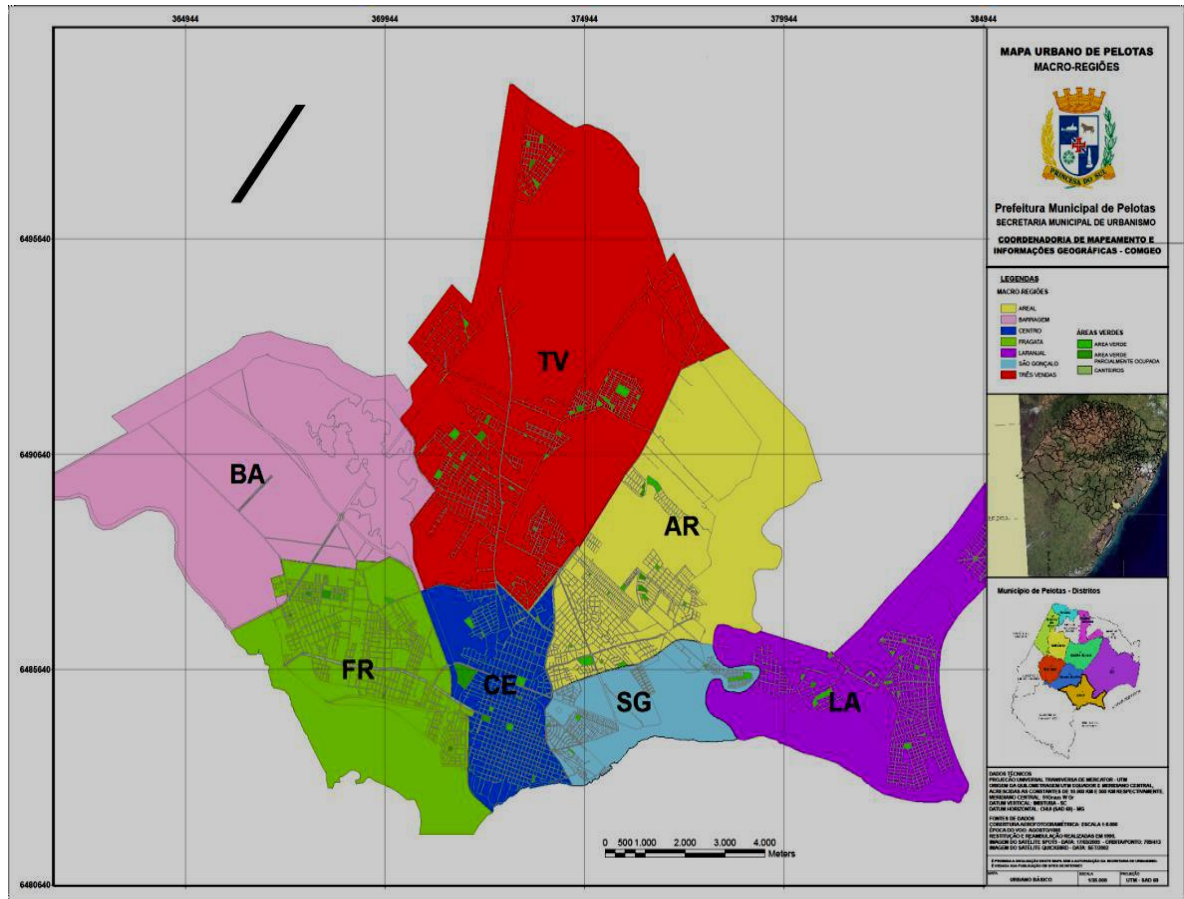
a paisagem urbana aponta para a existência de formas sempre cambiantes. A sensação do tempo se acelera, as transformações nos referenciais urbanos, de como as pessoas se identificam com o lugar onde moram, se alteram como decorrência das mudanças nas possibilidades do uso do lugar, nos modos de vida neste lugar. Nesse plano, tomamos com ponto de partida da pesquisa a contradição entre o tempo da vida – que se expressa na vida cotidiana (num tempo e o espaço que mede e determina as relações sociais) e o tempo das transformações na morfologia urbana que produz no mundo moderno, particularmente na metrópole, formas sempre fluidas e sempre cambiantes (CARLOS, 2000, p. 26).

Nos bairros, essa dialética de análise de espaço-tempo também é necessária, e o estudo proposto coloca um ingrediente que acompanha essas mudanças, o comércio de bairro, chamada antigamente de “Venda”. Atualizando o perfil econômico do município de Pelotas, ele tem como base de sua economia as atividades presas ao meio rural ou primária como: o cultivo do arroz e a pecuária, porém como se urbanizou, devido ao desenvolvimento incipiente das indústrias de pequeno e médio porte, na maioria voltada ao setor alimentício. O maior destaque é o setor terciário, comércio e serviços, responsável pelo maior desenvolvimento da cidade de Pelotas, onde boa parte desses serviços se localiza na área do bairro Três Vendas.

Para ordenamento do território, o município de Pelotas cria um instrumento político de desenvolvimento municipal, o Plano Diretor, que abrange os aspectos físicos, sociais, econômicos e administrativos do crescimento da cidade e junto com Código de Obras e Código de Posturas ordena o planejamento.

O município de Pelotas institui pela Lei 5.502 de 11 de setembro de 2008, o seu III Plano Diretor, a qual determina as diretrizes para o ordenamento e desenvolvimento territorial. Desde a elaboração do III Plano Diretor de Pelotas (2008), a denominação de bairros não é mais utilizada, passando-se a utilizar a expressão macrorregiões administrativas. Foi utilizado três níveis de planejamento: macrorregiões, mesorregiões e microrregiões. A área urbana do município é composta por sete macrorregiões que são: Centro(CE), Fragata(FR), Barragem(BA), Três Vendas(TV), Areal(AR), São Gonçalo(SG) e Laranjal(LA), como pode ser observado na figura 02. Cada macrorregião é formada por unidades menores que são as mesorregiões, como a TV-8, identificada nas Três Vendas, que foram formadas pela identidade local de seus moradores.

Figura 2- Mapa do perímetro urbano de Pelotas



Fonte: Lei 5.502 - III Plano Diretor. Disponível em < <http://www.pelotas.rs.gov.br> > Acesso em: 15 de julho de 2016.

2.2 O Bairro “Três Vendas”

O Bairro Três Vendas curiosamente tem esse nome “Três Vendas” devido a ter surgido em um entroncamento da Avenida Fernando Osório com a Avenida Salgado Filho. Nesse entroncamento ficavam três vendas, maneira antiga de chamar o comércio de bairro na época. Essas “vendas” se abasteciam de produtos em geral, como roupas, material de ferragem, secos e molhados, alimentos, entre outros. Isso abastecia a cidade e, muitas vezes, a produção primária era trazida por colonos (agricultores) que tinham como propósito vender seus produtos na cidade, o que caracterizava atravessadores comerciais. Os colonos, então, abasteciam-se de produtos não coloniais das próprias “vendas”, muitas vezes pagando o comércio através do escambo. Esse escambo era necessário na época, visto que o comércio era rudimentar e os padrões de vida também. Para melhor destaque, citamos Carlos para fazer uma síntese dessas relações:

Vila	Área	Vila	Área
1 Sítio Floresta	5.505.201,58	12 Quatro de Agosto	739.168,92
2 Leopoldo Brod	1.886.431,70	13 Cohab Lindóia	261.807,57
3 Sanga Funda	2.300.603,89	14 Lindóia/Py Crespo	1.017.984,04
4 Exército	3.496.814,16	15 Santa Terezinha	2.336.455,41
5 Getúlio Vargas	843.614,14	16 Municipários	164.143,36
6 Pestano	471.981,66	17 Tablada	1.164.276,65
7 Cohab Pestano	180.930,40	18 Santos Dumont	596.309,17
8 Santa Rita	1.658.107,10	19 Agrícola	909.369,13
9 Vila Jacob Brod	1.385.030,10	20 Bairro Jardim	513.062,76
10 Itamaraty	762.157,72	21 Vila Silveira	2.751.001,60
11 Vila Perez	1.296.139,29	22 Aeroporto	5.383.665,89

Fonte: III Plano diretor/Prefeitura municipais de Pelotas

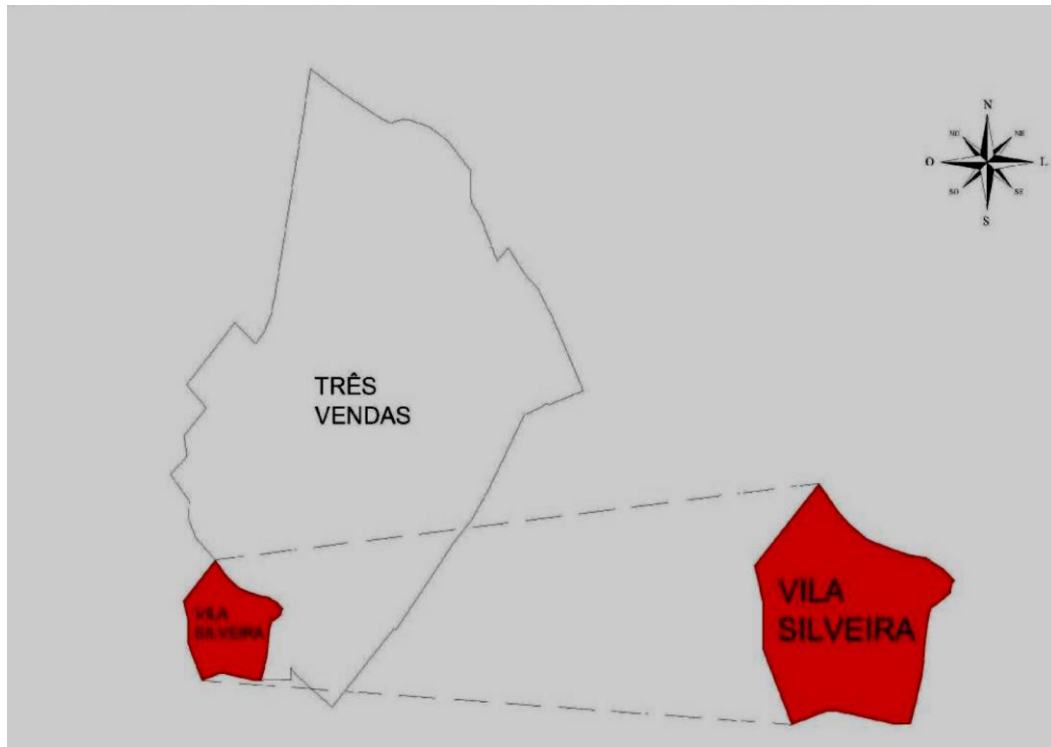
No que se refere à sociedade que compõe o Bairro Três Vendas, parte de seus moradores são provenientes do êxodo rural, bem como agricultores que se deslocaram da área rural em busca de melhores condições de vida no meio urbano. Grande parte deles são descendentes de Alemães e Pomeranos que saíram das regiões de Tapes, Monte Bonito, Cerrito Alegre e Arroio do Padre (VIEIRA, 2005). Atualmente, o bairro vem se expandindo cada vez mais, e áreas que eram consideradas vazios urbanos, como a Vila Silveira, a qual está localizada a Rua João Jacob Bainy, onde está fica nosso objeto de estudo. Essa localidade vem se transformando urbanamente, dando nova utilidade ao aparelho comercial em relação ao “mix” de atividades que se mostram necessárias para essa nova paisagem urbana sofredora de alterações direta e indiretamente, por agentes públicos e também privados. Assim, citamos Salgueiro e Cachinho, 2009, que norteará uma parte da temática:

O comércio faz parte da razão de ser da cidade. Viabiliza sua existência, explica sua organização e justifica muito do movimento e animação que nesta acontece. Por meio do comércio e dos lugares onde este se exerce, as pessoas satisfazem suas necessidades, realizam desejos, veicula-se informação, difundem-se inovações, criam-se laços de sociabilidade. Em suma, no comércio reside o verdadeiro embrião da vida urbana naquilo que esta pressupõe de interação, de troca, em sentido lato e de produção de inovação (SALGUEIRO, CACHINHO, 2009).

2.3 A Vila Silveira e o PMCMV

A Vila Silveira está localizada em uma área de incorporação imobiliária recentemente, pois até então, essa área era um vazio urbano e esperando sua valorização, indo mais além, e buscando nos apoiar no histórico da região sobre a temática, temos que a partir do século XX, deu-se início a um intenso movimento de urbanização na cidade de Pelotas. Várias vilas começaram a se estruturar nesta área com a ajuda de empresas imobiliárias contratadas. O objetivo na época era ampliar o perímetro urbano da cidade. Neste período, a urbanização da área se deu em etapas em que, primeiramente, houve a construção das vilas mais antigas, como as Três Vendas, Santa Terezinha de Jesus e Terras Altas (VIEIRA, 2005). As vilas, pequenos lugarejos onde viviam na sua maioria famílias pobres, apresentando um grande número de moradores, que com o passar dos anos, empreendimentos foram sendo construídos e incorporados a elas. Após o período de 1950 a 1960, foram sendo ocupadas áreas que não pertenciam ao perímetro urbano, surgindo os conjuntos residenciais. A macrorregião administrativa das Três vendas é formada por várias mesorregiões, a Vila Silveira é uma delas, lugares formados por famílias que possuem características comuns e que se identificaram com o meio onde vivem, dividindo o espaço com novos moradores, que vieram em busca de onde morar a custos mais baixos, oferecidos por um mercado em ascensão e expansão.

Figura 04 - Localização da Vila Silveira na mesorregião das Três Vendas



Fonte: Plano Diretor de Pelotas, 2005, adaptado pelo autor.

A área foi ampliada em meados de 1960, quando foram acrescentados mais 641 lotes de terras e, logo após, em 1950, começou a se estruturar a vila Py Crespo; em 1953 surge a Vila Silveira, todas vizinhas.

Dando um salto de mais de meio século, a Vila Silveira, localizada no bairro Três Vendas, vem última década, recebendo grandes empreendimentos imobiliários pelo programa Minha Casa Minha Vida do Governo Federal, através da Lei Nº 11.977, de 7 de julho de 2009 que fixa as regras do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) que tem como finalidade criar mecanismos de incentivo à produção e compra de novas unidades habitacionais pelas famílias com renda mensal de até 10 (dez) salários mínimos, que residam em qualquer município brasileiro, segundo o Ministério das Cidades.

Figura 5- Localização da Vila Silveira (Onde está o objeto de estudo)



Fonte: Base cartográfica PMPel, 2016 e elaborada por Anelise Milano Cardoso.

Na verdade, os municípios que querem receber o programa, precisam desenvolver ações que promovam habitação no âmbito do Programa Minha Casa Minha Vida para poder receber recursos para este tipo de habitação. No Plano Diretor Municipal precisam estar previstos as áreas ou regiões que podem atender a implantação de projetos, bem como as ações necessárias para a viabilização da infraestrutura básica, que esteja de acordo com as regras do programa, dos órgãos ambientais, das concessionárias de energia elétrica, água e saneamento. Ainda, que a implantação de projetos atenda a uma demanda e que essa demanda tenha facilidades de aquisição da casa própria. Diante do exposto, a Vila Silveira se encaixou devido seus grandes vazios urbanos, como o mapa a seguir mostrará, e pela proximidade de serviços públicos e da zona central, por isso os empreendimentos imobiliários, passaram a escolher o lugar.

Em consequência, os reflexos dessas instalações foram e estão sendo imediatos no comércio local/bairro. Mais adiante, então, verificaremos a ampliação ocupacional demográfica em antigos vazios urbanos e também a mudança no quadro socioeconômico como fatores a serem observados para dar perfil ao estudo de caso. Logo, deixaremos evidente que o curto espaço de tempo e também de espaço, no caso em estudo, foi fundamental para fazer essa análise empírica com adaptação ao processo regressivo-progressivo, como auxilia Carlos (2004):

O tempo e o espaço da vida cotidiana vão sendo invadidos por exigências, organizando-se na repetição e nesta direção o uso do espaço que comporta um emprego de tempo vai se explicitar enquanto tempo homogêneo, medida abstrata que passa a comandar a vida social e que aparece para Lefèbvre como aquele uso do transporte, da utilização dos equipamentos; podemos acrescentar a estes, aquele do flunar, isto porque no cotidiano há muitas modalidades de tempo social, como aquele do trabalho, do lazer, do não-trabalho (que anima a economia porque faz parte do tempo de consumo). Aqui o emprego do tempo explicita-o enquanto homogêneo, medida abstrata do tempo que comanda a vida social (CARLOS, 2004, p. 63).

O comércio faz parte da razão de ser da cidade (Fernandes, 1997). Viabiliza a sua existência, explica a sua organização interna e justifica muita da animação que nesta acontece. Através do comércio e dos lugares onde este se exerce, as pessoas satisfazem necessidades, realizam desejos, veicula-se informação, difundem-se inovações, criam-se laços de sociabilidade, a vida acontece. Em suma, no comércio reside o verdadeiro embrião da vida urbana naquilo que esta pressupõe de interação, de troca em sentido lato e de produção de inovação (Barata Salgueiro, 1996).

Ortigoza (2001), nesse sentido, discute que:

Nos últimos anos, a geografia brasileira tem se projetado de maneira mais efetiva no plano nacional e mundial. Muito há que se investigar, principalmente nas pesquisas ligadas ao comércio e consumo do e no espaço, na vertente por nós escolhida: a da geografia crítica. Nesses estudos deve-se partir da articulação dialética entre as relações sociais de produção e a reprodução do espaço para se chegar à análise crítica do urbano. O urbano de ser visto como um processo dinâmico, procurando-se entender o seu conteúdo em seu movimento contraditório e, nesta perspectiva de análise, muito ainda tem que ser feito (p.1).

Na área estudada, essa “razão de ser”, citado anteriormente por Fernandes, foi o cerne do estudo, pois alterou o universo total de moradores do lugar estudado, logo, também, dos pontos de comércio.

Analisando do micro ao macro, temos a Vila Silveira, que está inserida no Bairro Três Vendas, bairro esse que não para de se expandir e a cada ano novos loteamentos surgem. Esses loteamentos são conjuntos habitacionais que abrigam uma grande parcela da população que se estabelecem na cidade em busca de trabalho e estudo e suas localizações são estratégicas devido aos interesses do capital.

Indo mais além, é importante analisar o deslocamento da centralidade da cidade em direção à zona norte, onde está localizado o bairro em questão. Esse deslocamento tem como objetivo desobstruir o fluxo dentro do centro histórico, consequentemente faz com que a área se torne um forte ponto comercial, já que espaços urbanos vazios existentes no bairro estão se valorizando diante desta política de interesses e investimentos habitacionais públicos e privados.

Segundo Sposito (2015), as atividades ligadas à produção imobiliária passam a ser, em muitas cidades médias, o setor que mais cresce e que também mais movimentam recursos humanos e financeiros, sendo assim, o valor da terra urbana se valoriza e torna-se mercadoria disputada pelos agentes imobiliários e da construção criando variadas expectativas. Destacamos que há prevalência dos interesses fundiários e imobiliários nesses espaços urbanos vagos, ou como são chamados de “vazios urbanos”, com isso, esses espaços passam a ser alvos de novos projetos imobiliários e de fundamental importância para a efetivação dos projetos e das ações do poder público em consonância com o setor privado, no caso o imobiliário, que participa do ciclo de vida de alteração dos espaços urbanos na última

década em Pelotas. A seguir teremos imagens de alguns vazios urbanos e a logo a seguir os empreendimentos existentes na atualidade.

Figura 6- Área da futura instalação dos condomínios Granada I e II.



Fonte: Google Street view, 2016

Figura 7- Entrada do Condomínio Granada



Fonte: Acervo do autor, 2016

Figura 08 - Imagem do pórtico dos condomínios Granada I e II



Fonte: Promotor Imobiliário do Empreendimento, 2012.

Figura 09 - Perspectiva aérea dos condomínios Granada I e II



Fonte: Promotor Imobiliário do Empreendimento, 2012.

Figura 10- Foto da área da futura instalação do Condomínio Sevilha, 2011



Fonte: Google Street view, 2016

Figura 11- Condomínio Sevilha, atualmente



Fonte: Acervo do autor, 2016

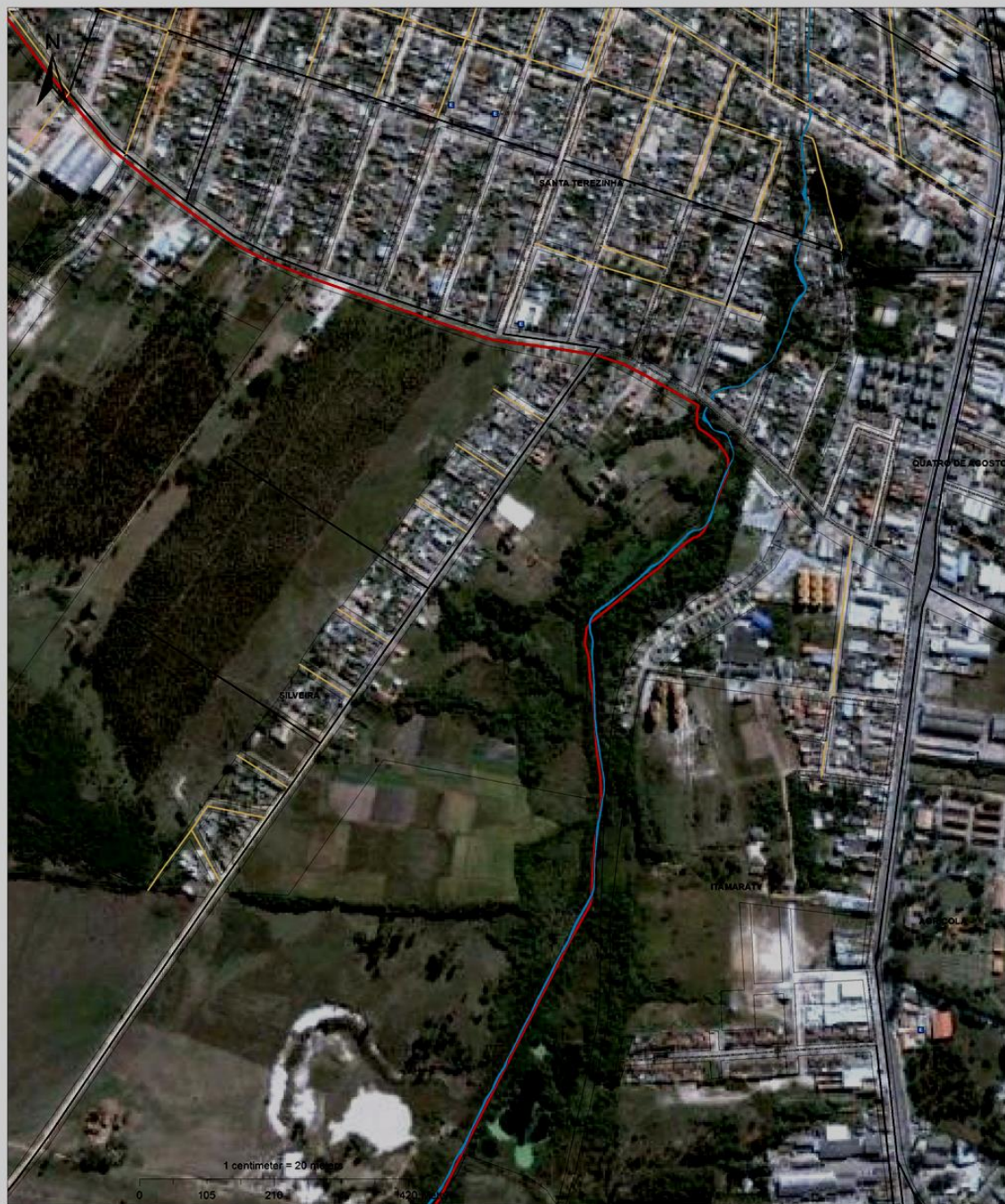
Fica evidente que os Programas de Habitações Populares, durante o governo Lula e Dilma (2002-2016), corroborou para a ampliação deste tipo de investimento em áreas até então desvalorizadas no tecido urbano, é bom também salientar que historicamente o Brasil vinha ostentando um grande déficit habitacional (cerca de 6 milhões de moradias, fonte: IBGE-2015), principalmente para as classes dos trabalhadores de média e de baixa renda, com isso a introdução desses novos loteamentos serviram também de expansão de comércios e prestadores de serviços que seguem essa lógica segundo as referências bibliográficas.

Figura 12- Imagem aérea atual (2016) da área estudada



Fonte: Base cartográfica PMPeI, 2016 e elaborada por Anelise Milano Cardoso.

Figura 13- Imagem aérea da área estudada antes dos projetos Imobiliários


Legenda:

- | | | |
|---------------------|--------------------|-----------------|
| — BR | — CONCRETO | ■ CORPOS D'ÁGUA |
| — ANTI PÓ | — PEDRA | ■ VILA SILVEIRA |
| — ASFALTO EXISTENTE | — SEM PAVIMENTAÇÃO | □ QUADRAS |
| — ASFALTO NOVO | ■ ESCOLA MUNICIPAL | |

MAPA DE LOCALIZAÇÃO

IMAGEM DO ANO DE 2006

BASE CARTOGRÁFICA: PMEPel, 2016
 SISTEMA DE PROJEÇÃO: UTM
 DATUM: SIRGAS 2000
 BASE IMAGEM: GOOGLE EARTH, 2016
 ELABORADORA: ANELIZE MILANO CARDOSO

Fonte: Base cartográfica PMPel, 2016 e elaborada por Anelise Milano Cardoso.

Em paralelo a essa política nacional, temos o crescente aumento populacional, o aumento do déficit, a manutenção das classes sociais e outros fatores econômicos, os quais fizeram com que os rumos da política habitacional brasileira refletissem na manutenção da política municipal, no caso da cidade de Pelotas, a qual recebeu cerca de 51 empreendimentos do MCMV. Ressalta-se, então, que as mudanças no espaço geográfico estudado estão associadas a uma relação de tempo e espaço, logo, entrelaçando esses dois conceitos à vida urbana se desenha. De tal maneira nos revela Carlos,

(...) nenhuma relação social acontece fora do espaço. O espaço é a condição pós-moderna de relação com o tempo, sendo assim, o espaço se associa com uma dimensão temporal e o tempo se associa a uma dimensão espacial.

Sobre essa política habitacional estatal, especialmente a partir dos anos 2000, duas formas de promoção vigoraram fortemente. A primeira caracterizada pela promoção por arrendamento da moradia – PAR –, e outra através de incentivos do governo por meio de subsídios e ampla abertura de crédito para a compra da casa própria – PMCMV – (CHIARELLI, 2014, p.199). É, por isso, nessa última, que o trabalho busca um aprofundamento, uma vez que esse incremento de investimento foi muito forte no bairro/vila/rua escolhido para o estudo de caso. Indo mais a fundo, o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) possui três faixas de renda familiar, sendo elas:

Tabela 2 - Faixa de Renda da PMCMV 2016.

Faixa de renda	Renda mensal familiar (R\$)	Renda mensal familiar (Salários mínimos)
Faixa 1	De 0,00 até 1.800,00	De 0 a 2,05
Faixa 1,5	Acima de 1.800,00 até 2.350,00	Acima de 2,05 até 2,67
Faixa 2	Acima de 2.350,00 até 3.600,00	Acima de 2,67 até 4,09
Faixa 3	Acima de 3.600,00 até 6.500,00	Acima de 4,09 até 7,39

Fonte: Portal Brasil, 2016a, p.1; Portal Brasil, 2016b, p.1

Na área estudada, e analisando a tabela do IBGE (tabela 3), que segue a seguir, fica evidente a mudança do quadro socioeconômico, com introdução dos

projetos imobiliários que foram direcionados para a Vila Silveira, nos quais predominou a faixa de renda 2 (Segundo dados do PMCMV), ou seja, famílias com renda até 3,6 mil reais. Com isso, os reflexos nos comércios de bairro foram imediatos de tal forma que a Rua João Jacob Bainy, antes uma rua pacata e de domicílios, passou por grande transformação, porque esses novos empreendimentos eram encarados como novos mercados consumidores e alguns moradores da Vila Silveira e de outras áreas passaram a ver isso como oportunidade de negócios. Devido a isso, alguns venderam suas propriedades para aproveitar a alta do preço do imóvel, outros que já estavam estabelecidos com comércio, vem buscando a sua adaptação à nova realidade que se estabelece, e outros compraram terrenos e casas para investimentos em comércio de bairro e prestação de serviços.

Tabela 3 - Dados socioeconômicos do número de pessoas responsáveis, por setor, com rendimento nominal mensal em salários mínimos

Variáveis	½ a 1	1 a 2	2 a 3	3 a 5	5 a 10	10 a 15
Setor X	100	112	57	31	24	1
Setor Y	2	42	36	65	68	16

Fonte: IBGE/2010.

Legenda:

Setor X = Morador Antigo;

Setor Y = Morador dos Novos Condomínios;

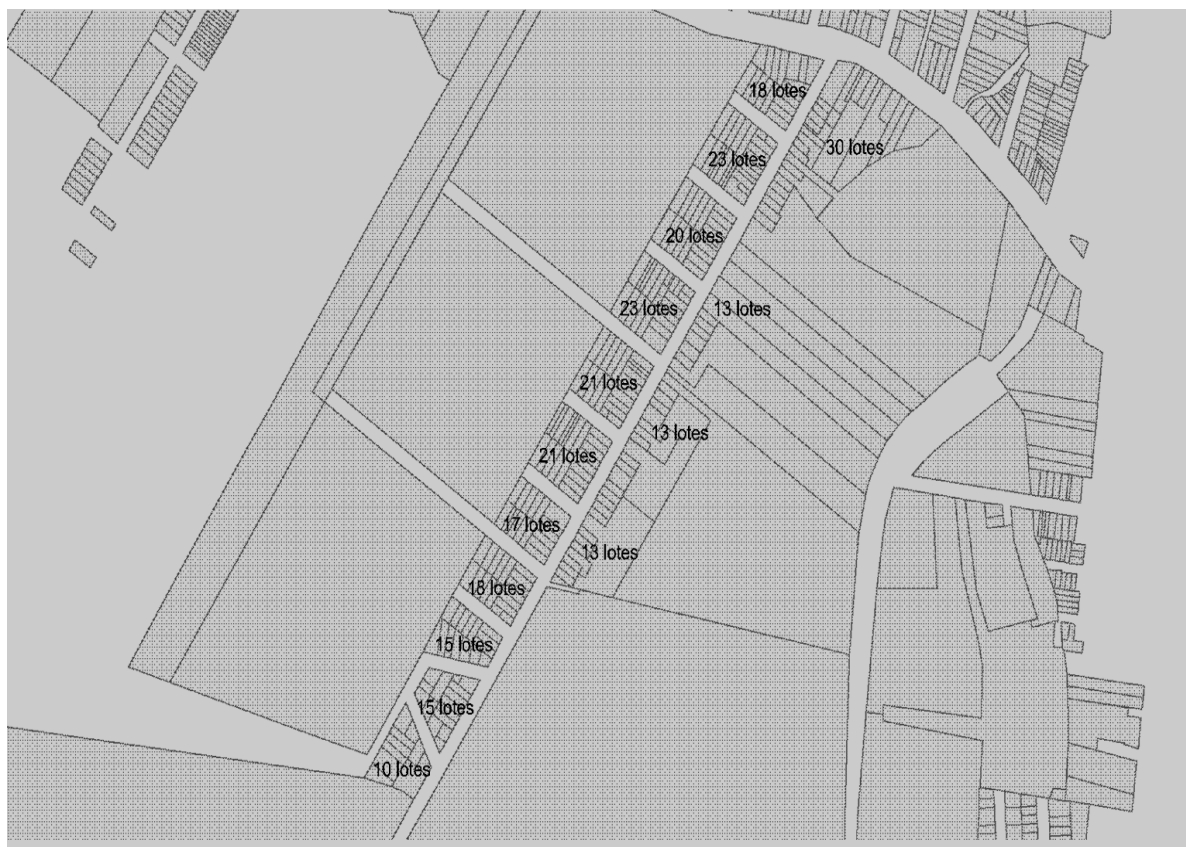
As tabelas 2 e 3, fontes do Portal Brasil e do IBGE, respectivamente, demonstram um incremento do perfil socioeconômico do "novo morador" dos condomínios da Vila Silveira, isso se confirma com a alteração dos fluxos de trânsito e da funcionalidade que a área estudada vem atravessando.

2.4 A Rua e a Venda

Em Pelotas, até julho de 2015, foram construídos 51 empreendimentos, totalizando 9.251 unidades habitacionais, sendo que na Vila Silveira, mais

precisamente na Rua João Jacob Bainy e seu entorno, estão localizados seis desses empreendimentos, totalizando cerca de 2.330 moradias, sejam elas horizontais ou verticais e com perfis socioeconômicos que variam das faixas II e III, segundo dados coletados da CEF e Prefeitura Municipal de Pelotas. Essas informações passam a ser importantíssimas para a interpretação do estudo, uma vez que a população do lugar aumentou e seu perfil socioeconômico também, dessa forma refletindo nas atividades de fluxos de pessoas, de negócios e de comércio. Isso justifica-se, por, antes dos empreendimentos imobiliários, tínhamos 291 lotes na Rua João Jacob Bainy e seu entorno, segundo dados coletados da Prefeitura de Pelotas, e que o croqui mostra a seguir (Figura 14).

Figura 14- Croqui que mostra os lotes anteriores ao PMCMV

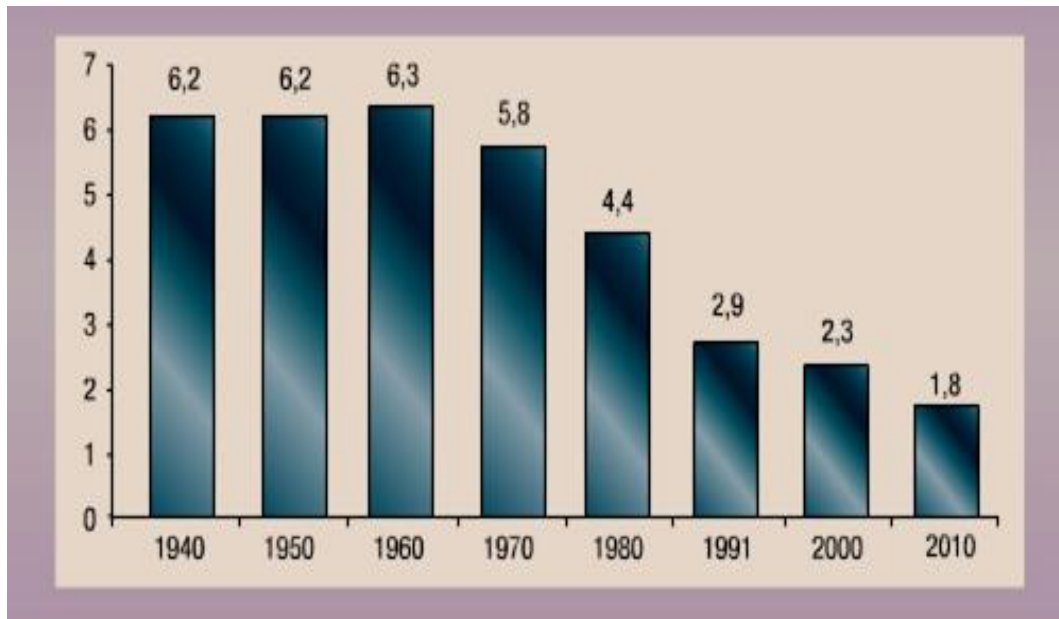


Fonte: Plano Diretor de Pelotas , 2010

Ao fazer uma breve análise hipotética, utilizando-se do perfil da família brasileira, segundo o IBGE/2010, quase 40% é composta por cerca de 4 pessoas por domicílio e a totalização de 2.330 novas moradias com a introdução destes novos

condomínios na Vila Silveira e multiplicado por 4 (casal e dois filhos - tx fecundidade segue gráfico 1), teremos como estimativa um total de 9.320 novos habitantes. Estes, por sua vez, com potencialidade de consumo maior que os habitantes antigos, já que os dados do IBGE, e também do PMCMV, indicam isso.

Gráfico 1: Evolução da taxa de fecundidade no Brasil no período de 1940-2010

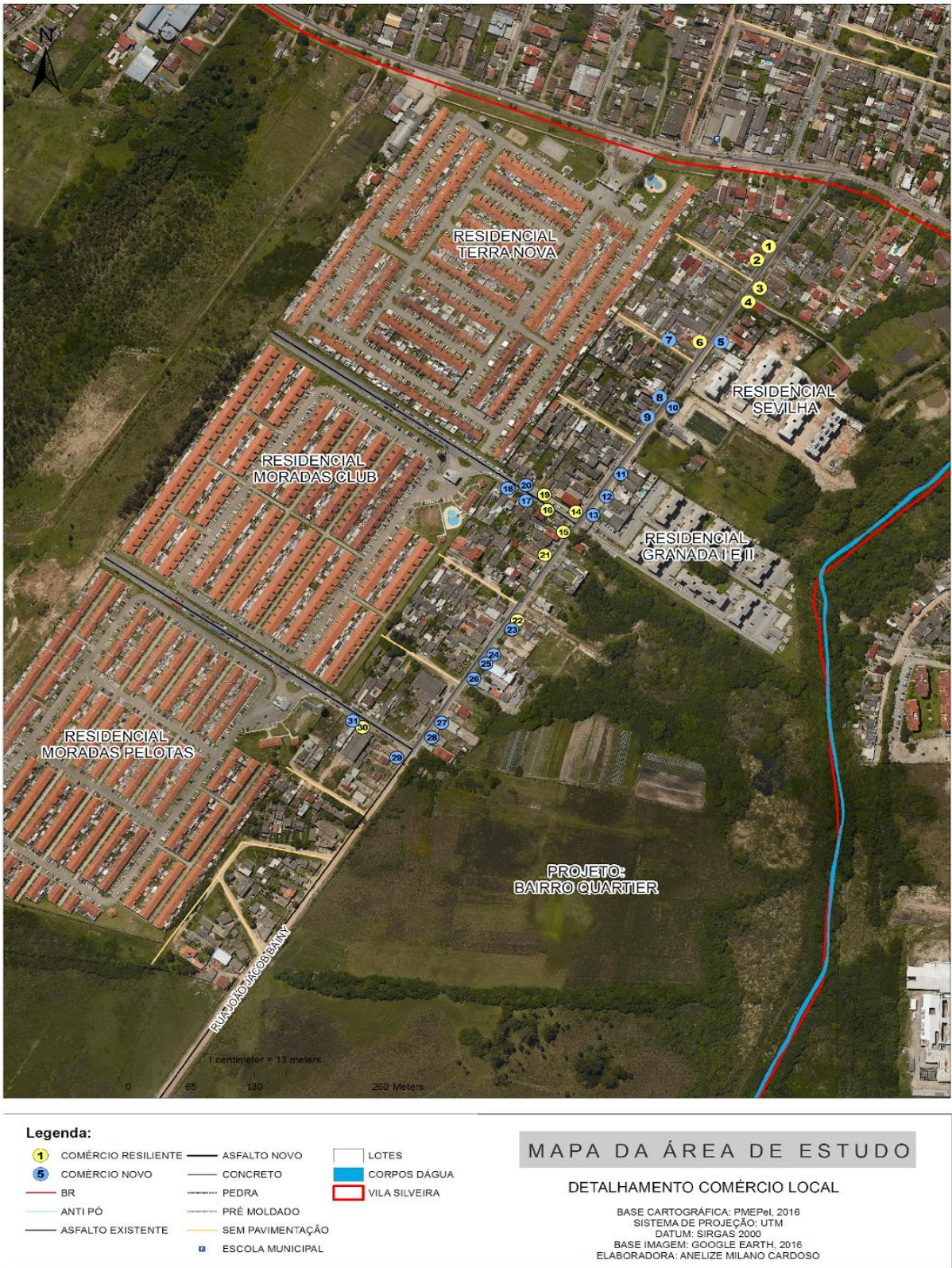


Fonte: IBGE, 2010

Como a Rua João Jacob Bairy é a rua de trânsito mais intenso e de chegada e saída dos condomínios estudados, ela passou a centralizar o comércio de vizinhança ou de bairro. Alguns desses são resilientes, outros são novos, ao levar em consideração o tempo estipulado para o estudo de caso que foi de 2006-2016.

A seguir, mostraremos o mapeamento das atividades econômicas em estudo da área escolhida, incluindo do comércio novo e o resiliente.

Figura 15- Localização dos Condomínios e dos Comércios e Serviços da área em estudo



Fonte: Base cartográfica PMPel, 2016 e elaborada por Anelise Milano Cardoso.

Tabela 4 - Tipologias de Comércio e de Prestação de Serviços da área de estudo segundo a classificação da CNAE.

ATIVIDADE ECONÔMICA DO CNAE	POPULARMENTE CONHECIDO	Código CNAE
1) vidraçaria, exceto de veículos; comércio varejista	Vidraçaria	4743-1
2) escritório de contabilidade	Escritório contabil	6920-6
3) decorações para festas	Decorações para festas	*
4) salão de festas	Salão de festas	*
5) assados e grelhados	Assados e grelhados	*
6) comércio varejista de verduras e frutas	Fruteira	4724-5
7) barbearia	Barbearia	9602-5
8) comércio de material de construção	Ferragem	4744-0
9) salão de beleza unissex	Salão de beleza	9602-5
10) quadra de futebol	Futsociety	
11) padaria e confeitaria com predominância de revenda; comércio varejista	Padaria	4721-1
12) escola infantil	Escolinha	8512-1
13) comércio varejista de verduras e frutas	Fruteira	4724-5
14) minimercado comércio varejista	Minimercado	4712-1
15); comércio de roupas masculinas, femininas e infantis	Armarinho	4616-8
16) oficina mecânica de veículo automotor	Oficina	4520-0
17) lava jato, lava rápido de veículo automotor; serviços de	Lava jato	4520-0
18) serviço de fornecimento de marmitex	Marmitex	5620-1
19) loja de doces	Doceria	*
20) distribuidora de bebidas; comércio varejista	Loja de bebidas	4723-7
21) oficina mecânica de veículo automotor	Oficina	4520-0
22) padaria e confeitaria com predominância de revenda; comércio varejista	Padaria	4721-1
23) loja de produtos veterinários	Pet shop	9606-2
24) academia de ginástica e musculação;	Academia	9313-1
25) restaurante com serviço completo	Restaurante e choperia	5611-2
26) salão de beleza unissex	Cabeleireiro	9602-5
27) comércio de roupas masculinas, femininas e infantis	Loja de roupas	4616-8
28) comércio varejista açougue	Açougue	4722-9
29) minimercado comércio varejista	Minimercado	4712-1
30) oficina mecânica de veículo automotor	Oficina	4520-0
31) padaria e confeitaria com predominância de revenda; comércio varejista	Padaria	4721-1

Fonte: CNAE/2016

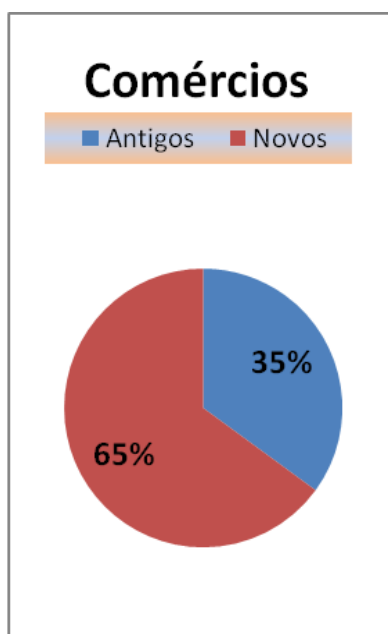
*não existe classificação pela cnae

Na observação do local, podemos citar que o comércio de bairro tradicional, como Açougue, Mercearia, Padaria e Fruteira ocupam importantes espaços. Por outro

lado, novos “estilos” de comércio surgem devido aos novos “estilos” de consumidores, esses com suas necessidades e vontades múltiplas, como Loja de Pets, Restaurante, Choperia, Academia, Futebol Society e Escolinha Infantil, o que destaca a capacidade que tem o comércio de bairro/vizinhança em se metamorfosear, quando necessário, buscando dar ao morador do lugar aquilo que ele deseja e/ou de que necessita. O gráfico a seguir mostra a distribuição entre o Comércio Novo e o Antigo ou Resiliente.

No caso em questão, o novo supera o antigo, talvez como resultado da dinâmica urbana que promoveu uma nova configuração da rua:

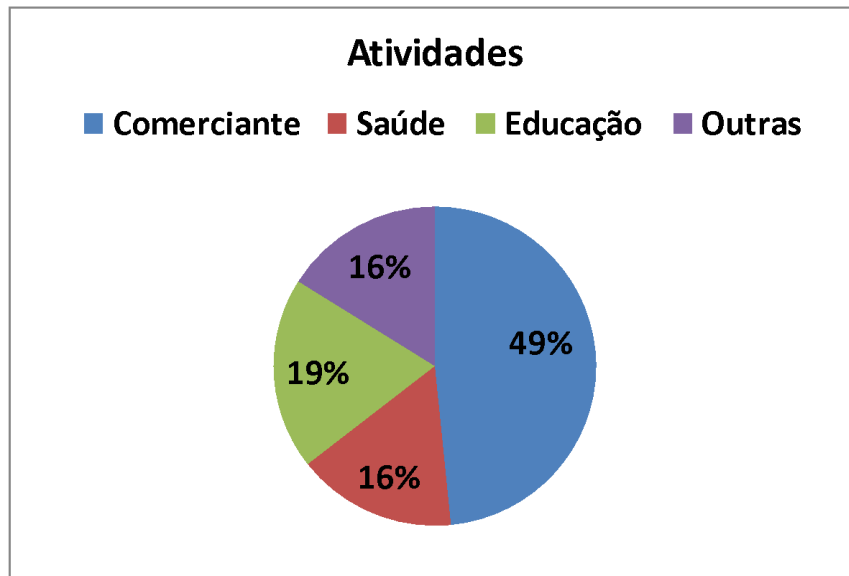
Gráfico 2- Comparativo do Comércio Antigo e o Novo



Fonte:Dados do autor, 2016.

Outro destaque ficou por conta da origem das atividades anteriores dos comerciantes entrevistados, tanto o novo como o resiliente, cerca de 49% deles informaram que já eram comerciantes antes de estar com seus comércios e serviços na área estudada. Indo mais além, cerca de 35% informaram que eram das áreas de educação e saúde e estão no comércio, atualmente.

Gráfico 3- Origem das atividades anteriores dos comerciantes



Fonte:Dados do autor, 2016.

Ademais, foi verificado nas entrevistas que, no comércio de bairro, a família aparece com destaque, visto que muitos comércios estudados são efetivados pela família, o que auxilia na gestão e também no trabalho. Isso se transfere, muitas vezes, para o nome dos estabelecimentos, que fala sobre a pessoa comerciante ou de sua família, como podemos verificar nas fotos a seguir:

Figura 16- Foto de uma Barbearia e de uma Quitanda na Rua João Jacob Bainy.



Fonte:Dados do autor, 2016.

Figura 17- Foto de Açougue e Conveniências na Rua João Jacob Bainy.



Fonte: Acervo do Autor, 2016

Figura 18- Foto de Minimercado na Rua João Jacob Bainy.



Fonte: Acervo do Autor, 2016.

O estabelecimento comercial também pode falar sobre a casa do comerciante ou seu endereço, no caso o nome da Rua, conforme mostrado anteriormente na foto. Inclusive se percebe que sua resiliência está ligada, muitas vezes, a essa hereditariedade, ou seja, passando o estabelecimento comercial de “pai pra filho”, imprescindível, pois, uma análise de origem, segundo o exemplo mostrado pela foto

anterior. Segundo Roberto da Matta, e adaptando seu texto para realidade estudada, “a casa é o lugar do descanso, do aconchego, do controle, do parentesco e dos laços de sangue, já a rua é o lugar do trabalho, da distância, dos imprevistos, das relações inevitáveis, como as profissionais”, e, neste estudo, verificou-se, em muitos casos, que a casa e o trabalho podem ser o mesmo endereço ou lugar.

Segundo Castells e Guimarães (2007), em estudo realizado com varejo de bairros, observaram que em centros dessa natureza, ao contrário do comércio da região central, o cliente normalmente tem afinidade com o proprietário da loja. Na grande maioria, os proprietários moram no bairro onde mantêm o seu estabelecimento, possuindo relações de vizinhança e, em alguns casos, até de parentesco com os clientes, fornecedores e com outros comerciantes. Com isso, o estabelecimento comercial torna-se um espaço de sociabilidade, muitas vezes, tido como um “ponto de encontro” dos amigos. O comerciante desempenha um papel de destaque e de alguma maneira cria-se uma rede social de comunicação com seus moradores. No caso da área estudada, muitos comércios são também a moradia do comerciante e sua família, que, em muitos casos, servem de administradores e funcionários do mesmo comércio, também motivando a resiliência desta atividade.

2.5 Necessidades e desejos

Em um foco mais amplo e subjetivo, normalmente temos a necessidade ou o desejo de consumir algo. Isso está cada vez mais presente na sociedade contemporânea de alto consumo, e não é diferente no lugar que o estudo foi direcionado, pois nós, em diferentes momentos ao longo da vida, sentimos carências, sentimos que precisamos preencher um vazio ou insuficiência. A partir dessa sensação, temos uma necessidade, que tentaremos satisfazer da forma mais rápida e eficiente possível. Quando a exigência de satisfação é muito elevada, procuramos toda a informação que for preciso para alcançar o nosso objetivo, de maneira que aparece em nós uma motivação. Após aquela fase, a nossa necessidade adquire um nome, ou seja, percebemos que a nossa carência só pode ser satisfeita com um determinado produto concreto, por fim, aqui já estamos perante as necessidades ou desejos.

As pessoas se alimentam, vestem-se, moram, comunicam-se, divertem-se, por meio de bens e serviços mundiais, utilizando mercadorias produzidas pelo capitalismo mundial, globalizado. Para muitos, o consumo representa uma satisfação, pois é a realização de uma necessidade. Essas necessidades são, cada vez mais, oriundas da evolução da civilização e passam a integrar o rol das necessidades de quem vive nesta civilização. São como automóveis, roupas, sapatos, celulares, aulas de línguas e mais uma infinidade de outras que surgiram e surgirão, criando, assim, novas expectativas de consumo para os indivíduos desta civilização. A sociedade capitalista associa o consumo à superioridade, ou seja, quanto maior o poder de consumo maior a superioridade da pessoa ou, melhor ainda, o status desta pessoa na sociedade. É na sociedade de consumo que vai instaurar novas regras dentro do cotidiano, na sua discussão atribui-se novamente uma contradição que é permanente na dialética de Lefebvre, no pensamento dessa sociedade as necessidades agora são atendidas pelas vontades do consumidor, de fato ocorre um maior conhecimento dos interesses “desejos e necessidades” Lefebvre (1991, p. 62), dele (consumidor), mas se percebe não é um estudo sobre as necessidades sociais ou mesmo culturais, nota-se, a princípio, que se trata de necessidades individuais. Atendendo então a esse projeto, a publicidade passa por análise:

Alias, a ação sobre as necessidades dispõe de meios mais poderosos que o estudo de mercado e das motivações. Qual é o papel da publicidade? O publicitário é o demiurgo da sociedade moderna, mágico todo – poderoso que concebe vitoriosamente a estratégia do desejo. Ou não passa de um modesto e honesto intermediário que informa as necessidades e faz saber que este ou aquele objeto se prepara para a satisfação do consumidor? (LEFEBVRE, 1991 p.63).

Por encontrar a felicidade plena ao consumir, o indivíduo se depara com um mal estar, pois “consumir o satisfaz e não o satisfaz, o consumo não é felicidade. O bem-estar e o conforto não bastam para trazer alegria. Ele se enche de tédio” (LEFEBVRE, 1991, p.104). Assim, as necessidades, o consumo e os comportamentos se tornam padronizados enquanto tudo se torna mercadoria, contanto que se encontrem quem venda e quem compre.

Contudo, devemos analisar o assunto em um pensamento e uma perspectiva geográfica, para tal, destaco Cachinho (2000, p.20), referência no estudo,

Embora possa parecer simplista, esta idéia tem escapado geralmente ao pensamento econômico e social mais influente no desenvolvimento das investigações sobre o comércio com isso, a maioria dos modelos de estudo o espaço ou esta ausente ou é considerado de forma abstracta e o homem reduzido á sua racionalidade econômica.

A geografia como ciência estuda as transformações da paisagem urbana, cujo objetivo é entender o modo como ela é produzida, as relações entre o ser humano produtor do espaço e a sociedade na qual ele está inserido. A paisagem não é só momento atual, está em constante movimento, é a relação entre fatores físicos e sociais, sociedade e natureza. No mesmo sentido, Santos (1978, p.145) alerta que:

Quando se pretende subordinar o espacial ao econômico, a primeira pergunta que acode é a seguinte: pode a economia funcionar sem uma base geográfica? A resposta naturalmente é não, mesmo se a palavra geográfico é tomada na sua acepção mais equivocada, como um sinônimo de condição natural. O fato, porém, é que muitos economistas e tantos outros cientistas sociais somente falam do espaço dentro dessa acepção estreita e errada.

Ainda buscando uma variação de pensamentos, a paisagem é produzida e reproduzida e em muitos casos se transforma em mercadoria e logo é consumida, o grupo musical Engenheiros do Hawaii transmite a temática abordada no trecho da música 3ª do Plural:

Corrida pra vender cigarro
cigarro pra vender remédio
remédio pra curar a tosse
tossir, cuspir, jogar pra fora
corrida pra vender os carros
pneu, cerveja e gasolina
cabeça pra usar boné
e professar a fé de quem patrocina (2x)

Refrão

Eles querem te vender, eles querem te comprar
querem te matar, de rir ...
Querem te fazer chorar
quem são eles?
quem eles pensam que são?(2x)

Segundo o pensamento de Santos, o avanço do consumo e do capitalismo, que atualmente é classificado como meio técnico-científico-informacional, foi e é marcado por um grande avanço tecnológico na área das telecomunicações e informática, o que influencia na ampliação da infraestrutura de transporte e telecomunicações responsáveis pela rapidez e qualidade da circulação de pessoas, mercadorias, serviços e informação. Além disso, reflete o lado maléfico, deste momento, batizado de globalização, pois, para ele, a união de “novas técnicas” deste “novo mundo” expõe as desigualdades sociais, econômicas e também de consumo. Milton Santos, apesar da crítica feroz de uma época marcada pela globalização globalitária, era otimista e acreditava num novo tempo: “a globalização atual não é irreversível” (p.174), e no bojo do próprio fenômeno da globalização busca uma mudança, bastando para isso que “se completem as duas grandes mutações ora em gestação: a mutação tecnológica e a mutação filosófica da espécie humana” (p.174).

No trabalho apresentado tentou-se buscar evidências, através da pesquisa de campo, que há esse enclave, ou esse “território incerto” entre as necessidades e os desejos, pois, ao classificarmos o comércio local, verificamos que uma padaria (figura 19 e 20), hipoteticamente, pode ser uma necessidade, já uma choperia (figura 21), um desejo, e esses dois estilos de comércio têm na vila/rua estudada, mostrando o *mix*² de comércio e serviço que vem buscando seu espaço, sendo ele resiliente ou novo (figura 20). Verificou-se que esses conjuntos de comércios e serviços estudados estão estruturados na dialética necessidades e/ou desejos e o desenvolvimento e metamorfose urbana corrobora com isso e em um sistema comercial nem todos os agentes e relações possuem o mesmo poder de estruturação e definição, como diferente também é sua capacidade de mediação, assim sendo impossível dar conta de todos os elementos e relações que se estabelecem no seio do sistema e este estudo se restringe a fazer uma análise de caso.

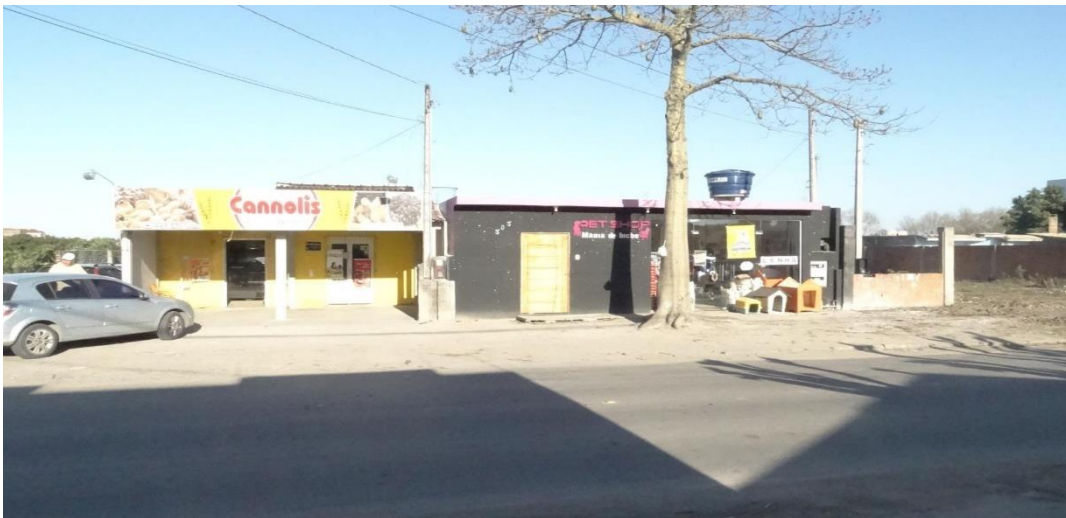
Figura 19- Padaria em 2011.

² Mix é uma expressão que na tradução da palavra em português quer dizer: mistura, mesclar, juntar, combinar, agregar ...



Fonte: Google Street view, 2011

Figura 20- Padaria Atual e com um acréscimo de uma loja Pet Shop.

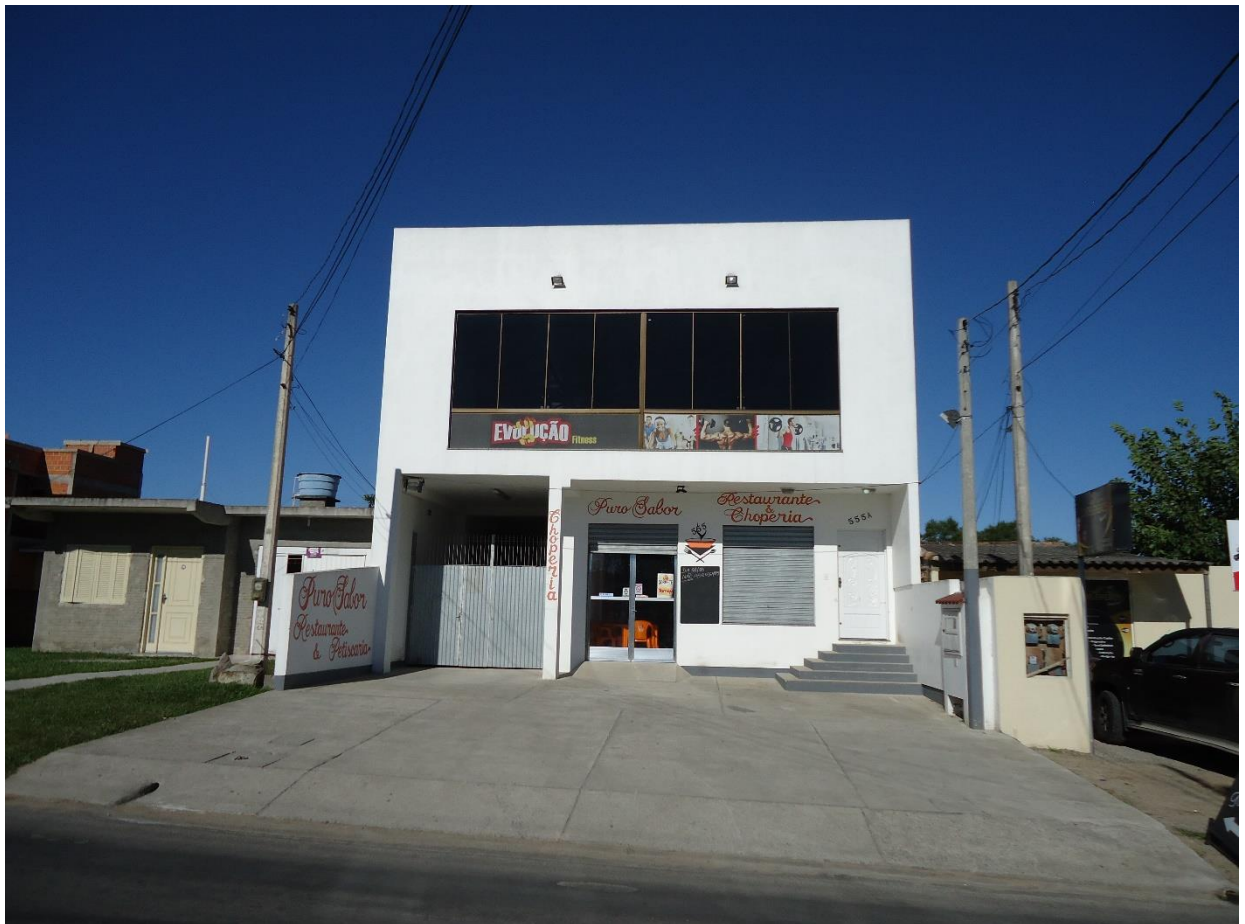


Fonte: Acervo do Autor, 2016.

Parafraseando Cachinho, sobre o estilo e classificação do comércio ele estabelece a “Roda da Distribuição”, a qual sustenta que todas as lojas passam por uma fase de introdução, maturidade e de vulnerabilidade, ao longo das quais os preços dos produtos, as margens de lucro e os custos das operações se elevam progressivamente ao longo do tempo, portanto a adaptação e uma gestão competente é fundamental pra evolução e perenidade do comércio. No trabalho ficou claro que a gestão de muitos comércios entrevistados em campo não se dá de forma profissional, isso poderá acarretar a quebra do ciclo de vida do comércio, pois da introdução poderá ir direto para a vulnerabilidade, se não verificado a gestão mais competente. Pois,

segundo Cachinho, na teoria do “Ciclo de Vida do Comércio” considera que os pontos de venda do comércio, à semelhança do que acontece com os produtos, as pessoas ou até mesmo as modas filosóficas, passam inexoravelmente pelos estágios de nascimento, crescimento, maturidade e declínio. Na tentativa de se manter o comércio de bairro busca sua adaptação ao tempo presente e ao ambiente inserido, como podemos verificar na figura a seguir que mostra uma Choperia em conjunto com uma Academia, buscando uma renovação naquilo que se tem tradicionalmente por comércio de bairro.

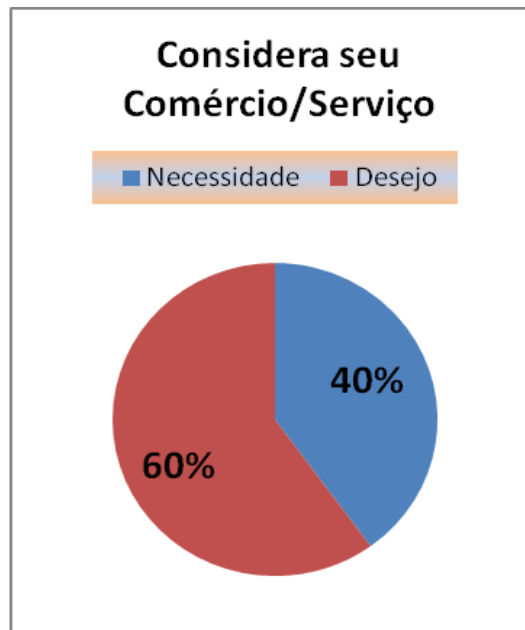
Figura 21- Comércio e Serviços novos (Academia e Choperia).



Fonte: acervo do autor, 2016.

Dando ênfase ao subcapítulo em destaque, o gráfico a seguir retrata a visão do comerciante entrevistado em relação ao seu produto ou serviço, quando questionado se ele tem isso como necessidade ou desejo:

Gráfico 4- Amostra da Pesquisa de Campo com a consideração do comerciante



Fonte: Dados Coletados em Campo, 2016.

Essa classificação entre necessidade e desejo é muito relativa, pois o que pra um pode ser necessidade pra outro é desejo, embora na pesquisa de opinião o desejo se estabelece fortemente, segundo os entrevistados.

2.6 Resiliência Comercial e Segregação

Outro ponto observado com as entrevistas e os questionários, foi a resiliência de alguns comércios que sobrevivem mesmo com a chegada de novos comércios e novos consumidores. Entretanto, o que é um comércio de bairro resiliente?

A partir de uma breve revisão de literatura, discorre-se sobre o conceito de resiliência, desde sua concepção até sua recentemente popularização no meio político, em discursos acadêmicos e na mídia. Com o processo de globalização urbana, áreas atrofiadas tiveram que passar por modificações/alterações e assim se reconectar ao meio circulante. Sendo assim, muitos autores inserem esse processo na “resiliência”, caracterizados por diferentes ações de renovação urbana e recuperação econômica, que objetivam a transformação das áreas centrais, exemplificadas por melhorias na estrutura física dos espaços dos públicos para o convívio social e para os deslocamentos, melhoria da acessibilidade e dos sistemas

de transporte, investimentos privados com vistas à renovação dos edifícios e das empresas, além de ações de marketing para a divulgação da área central.

Na verdade, o termo “resiliência” é multidisciplinar, associa-se a termos latinos como “resilire” ou “resilio”, que significam retomar um ponto de partida, saltar para trás, recuperar, recuar (“*bouce*”, ou “*bouncing back*”). Sendo que no decorrer dos anos, o conceito foi utilizado por diferentes áreas do conhecimento, inclusive mais recentemente pelas ciências sociais, como na economia com Batabyal (1998) e na geografia com Adger (2000), as quais constataam que a presença do fator humano implica em maior complexidade.

Na figura a seguir, é representada a esquemática da evolução da utilização do termo resiliência (GONÇALVES, 2014).

Figura 22: Esquema da evolução da utilização do termo resiliência.



Fonte: Gonçalves, 2014, p. 115.

No âmbito dos estudos urbanos, a resiliência ganhou destaque na segunda década dos anos 2000, momento marcado por várias mudanças na sociedade capitalista e em consequência, sobretudo das crises macroeconômicas. Existem diversos significados para resiliência de acordo com a área considerada, porém

destaca-se a perspectiva do conceito derivado da ecologia, nomeadamente pelo biólogo canadense Crawford Stanley Holling em seu trabalho “*resilience and stability of ecological systems*”. Essa definição de resiliência, da década de 1960/1970, fundamentada na ecologia, tem sido adotada pela sociologia, pela economia, ciência política etc. (GONÇALVES, 2014). Contudo, como reconhece a unhabitat (2014, s/p), a resiliência é “*tanto un protector de los beneficios del desarrollo, como un conducto para el desarrollo sostenible*”, traduzindo: “tanto um protetor dos benefícios do desenvolvimento, como um canal para o desenvolvimento sustentável”.

Tabela 5 - Síntese de algumas definições de resiliência.

Resiliência	Abrange princípios físicos relativos à velocidade do retorno à normalidade e manutenção de eficiência de objetos. É o processo de adaptação a situações que mudam constantemente (SALGUEIRO, 2011).
Resiliência Econômica	Probabilidade de transição entre os estados, como função do balanço entre atividades de produção e padrões de consumo, condicionada pela ação dos decisores (BROCK et al., 2002). Não é uma característica estática, pelo contrário, configura um processo dinâmico, influenciado, quer por choques de grande impacto, quer por tensões constantes que forcem alterações estruturais e mudanças incrementais permanentes (MARTIN, 2011).
Sistemas Resilientes	São aqueles que suportam uma grande quantidade de estresse antes de mudarem a um novo estado (MADDOX, s/d).
Resiliência Urbana	À medida em que as cidades são capazes de resistir a mudanças antes de reorganizar completamente (Organização das Cidades Patrimônio Mundial, 2015).
Perspectivas das atividades de comércio	Habilidade de enfrentar situações críticas por meio de ações que tendem a recolocar a funcionalidade de serviços individuais ou uma área comercial (SALGUEIRO, 2011). Habilidade de diferentes tipos de comércio varejista, em diferentes escalas, para adaptar-se a mudanças, crises ou impactos mudando o sistema de equilíbrio, sem perder a performance de suas funções de uma maneira sustentável (KÄRRHOLM et al., 2011 definição do projeto REPLACIS – <i>Retail Planning for Cities Sustainability</i>).

Fonte: Organizado a partir de Pacheco (2012) e Gonçalves (2014).

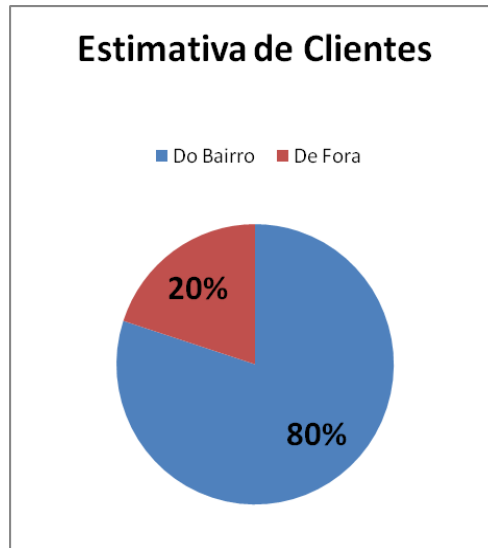
Assim, considera-se que o tempo, o espaço e o contexto social são imprescindíveis à compreensão de determinada resiliência em relação a algum fator.

Assim, busca-se tecer algumas considerações sobre o “comércio de bairro” na rua João Jacob Bainy, com vista de compreender as transformações sofridas na última década, e analisar esse novo panorama que resultou na resiliência dos comércios/serviços de bairro da área em estudo. Além, então, de perceber que sua resiliência está ligada, muitas vezes, à hereditariedade, como já citado anteriormente, mas acrescentando também o uso das técnicas como mídia (propaganda), disposição e apresentação do bem, produto ou serviços e forma de pagamento. Inclusive, em alguns casos pesquisados, ainda se mantém o famoso e arcaico caderninho de fiado. Com isso se torna imprescindível uma análise destes conjuntos de fatores. Logo, parafraseando Cachinho,

A mudança sempre esteve presente no comércio urbano, sendo os comerciantes e os consumidores os seus arquitetos por excelência. Os comerciantes, porque inseridos em ambientes sempre mais exigentes e competitivos, para expandirem os seus negócios ou simplesmente sobreviverem, necessitam de renovar permanentemente as suas estratégias de gestão, lançar no mercado novos produtos, e criar novas lojas e ambientes de consumo.

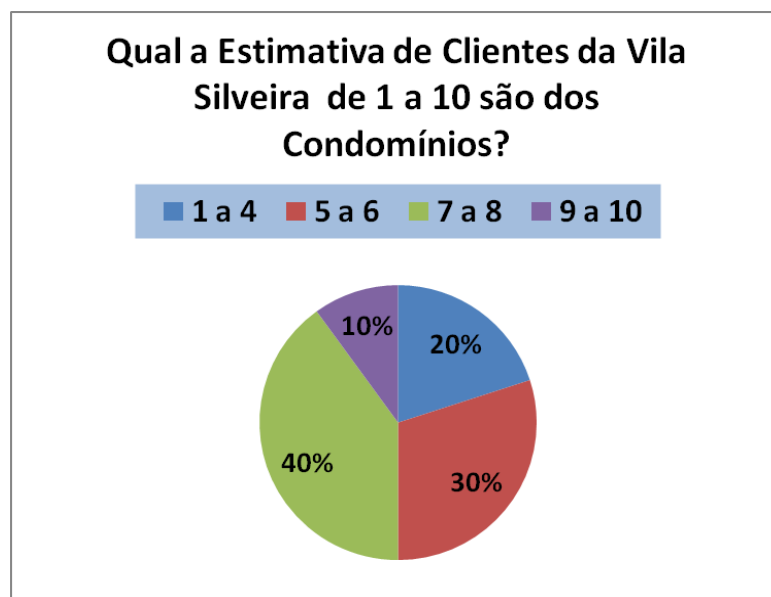
Visto isso, este trabalho percorre o viés do comércio de bairro e sua metamorfose diante da dinâmica urbana, tanto o novo como o resiliente, os quais vêm se adaptando ou tentando se adaptar às mudanças urbanas ali ocorridas na última década. Em consequência, mostraremos um gráfico (5) com dados da pesquisa que indaga do comerciante a estimativa da sua clientela em relação à origem geral (clientela da vila), logo após, a origem mais precisa, no gráfico 6, (clientela dos condomínios) e se ele vê diferenças socioeconômicas em relação a sua clientela (gráfico 7).

Gráfico 5- Estimativa da origem dos clientes segundo os proprietários dos comércios



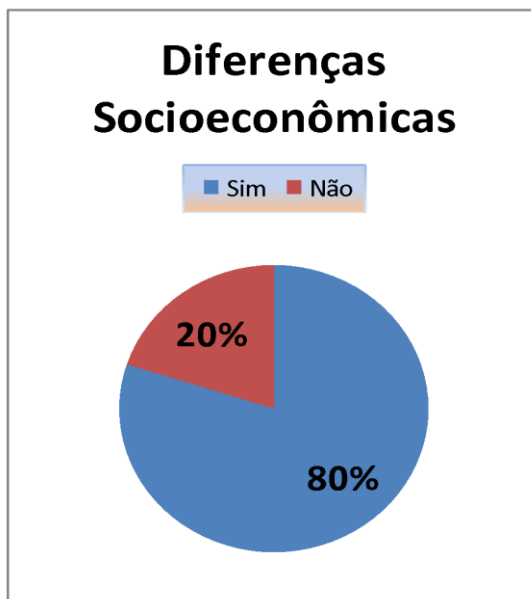
Fonte: Dados do autor, 2016.

Gráfico 6- estimativa de origem dos clientes dos condomínios segundo os proprietários dos comércios



Fonte: Dados Coletados em Campo, 2016.

Gráfico 7- Diferenças no perfil socioeconômico segundo os proprietários dos comércios

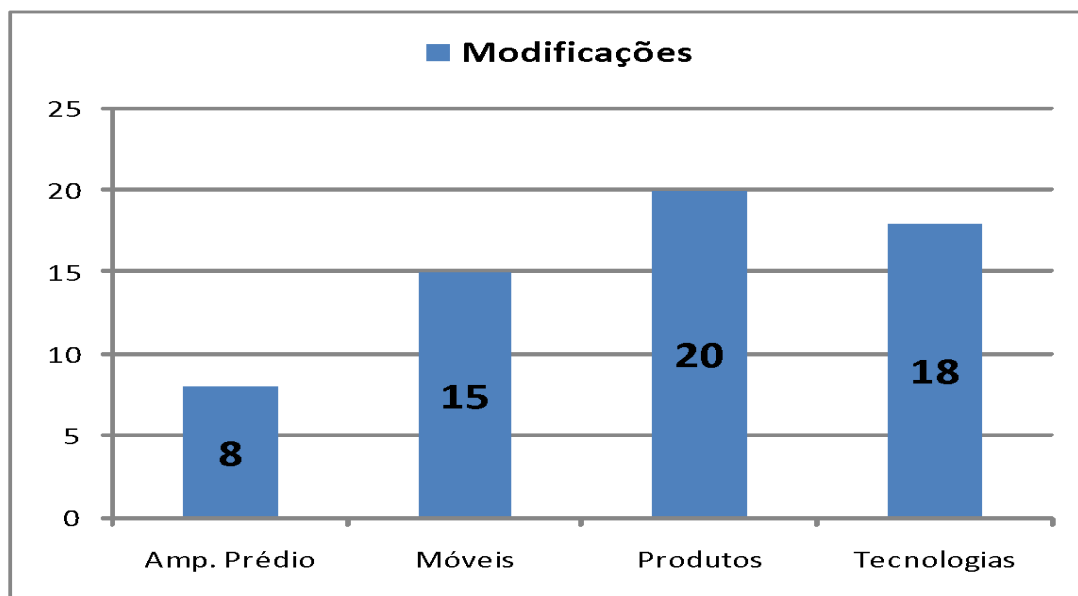


Fonte: Dados do autor, 2016.

De acordo com os gráficos observados anteriormente, feitos por meio de informações das entrevistas de campo com os comerciantes e prestadores de serviços, e relacionando com dados do perfil socioeconômico do PMCMV, vislumbra-se uma diferença não só no volume demográfico, como também no padrão de consumo desse novo panorama da rua João Jacob Bairy. Sendo assim, esse comércio/serviço passou a se adaptar, como mostra dados coletados em campo em relação ao horário de funcionamento, disposição de produtos, ampliação do prédio comercial, introdução de tecnologias na atividade produtiva e formas de pagamento diversificadas, inclusive introduzindo as máquinas de cartão. Segundo Cachinho, o comércio de retalho tem que estar em consonância com o estilo de clientela que ele está inserido, ou seja verificar o gosto e estilo de consumidor que se tem e aqueles que se quer atingir, portanto esse questionamento da diferença do perfil socioeconômico verificado pelo dono do comércio ou serviço é fundamental.

O gráfico (8) a seguir mostra alguns dados referentes à modificação que alguns comerciantes e prestadores de serviços fizeram para manter sua clientela e conquistar outras.

Gráfico 8- Alterações nos estabelecimentos comerciais



Fonte: Dados Coletados em Campo, 2016.

O gráfico anterior mostra que foram necessárias adaptações dos comerciantes e de prestadores de serviços para o incremento dos produtos/serviços vendidos, como por exemplo: melhor maneira de expor e diversificação de produtos, segue imagem a seguir, também ficou nítido a importância de introduzir tecnologias pra ajudar nas atividades diárias, como dar baixa em estoque, fazer pedido e pagamentos via digital, e por fim, a ampliação dos prédios e móveis, isso tudo objetivando melhores resultados.

As imagens que se seguem mostram essas adaptações de comerciantes e prestadores de serviços.

Figura 23- Fachada modificada (2016)



Fonte: Acervo do autor, 2016

Na figura 23, temos um domicílio que foi adaptado para loja de roupas, e pra isso a proprietária modificou a fachada colocando duas vitrines para mostrar suas mercadorias, no caso roupas. Segundo a proprietária, a rua se transformou muito nos últimos anos, logo ela vê que as vitrines são fundamentais, para dar maior visibilidade de seu comércio.

Figura 24- Fachada anterior



Fonte: Acervo do Autor, 2016

Fica nítida a necessidade de vitrine para esse tipo de negócio, no caso é loja de roupas e acessórios femininos. A dona da loja precisou investir na exposição das suas mercadorias, mostrando uma alteração de pensamento e de adaptação, pois a rua se tornou uma passarela de oportunidades. Também foi necessário a adaptação da acessibilidade de portadores de deficiências ao comércio, vejamos:

Figura 25: Adaptação para acessibilidade em estabelecimento comercial



Fonte: Acervo do Autor, 2017

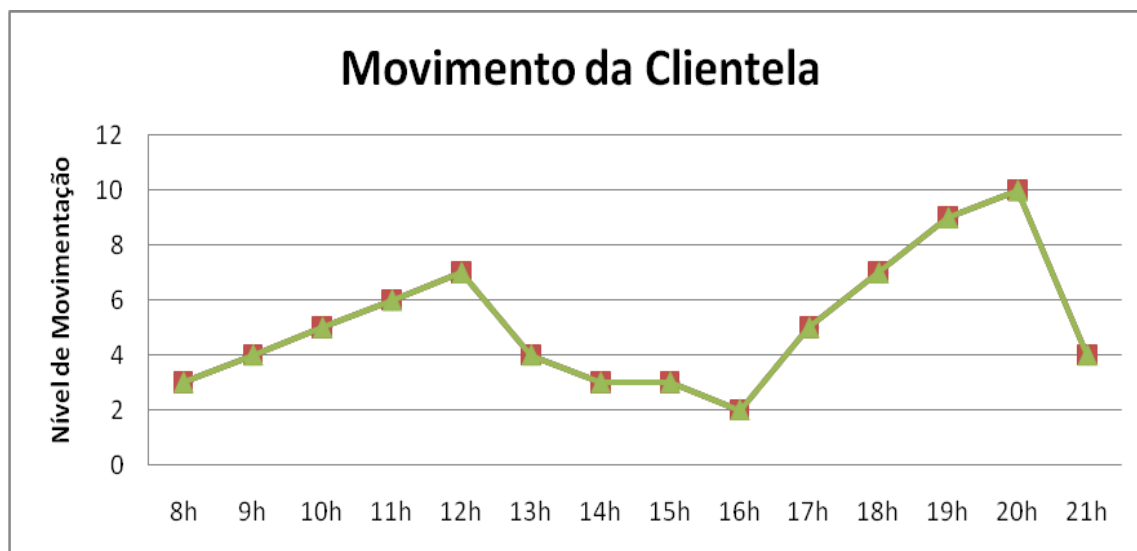
Figura 26- Comércio antigo também com adaptação com a acessibilidade



Fonte: Acervo do autor, 2016.

Por meio do horário de nível de movimentação (hora do pico), podemos ter uma noção do estilo de vida da clientela que vem se estabelecendo na área de estudo. Vejamos o gráfico sobre isso:

Gráfico 9- Nível/Horário de Movimentação da Clientela do Comércio Local



Fonte: Dados do autor

Existe evidência, segundo o gráfico anterior, que o perfil predominante da clientela da área de estudo pode ser trabalhadores que chegam em suas residências após 18 horas. A partir disso, verifica-se um maior fluxo de clientela nos comércio e serviços da Vila Silveira, além de uma segunda “hora de pico” próximo do meio dia. É bom dizer que neste levantamento alguns poucos comércios e serviços não se enquadram devido ao estilo de serviço ou produto que trabalham.

Indo ainda na direção do olhar comparativo da paisagem, também se faz necessário a análise socioeconômica do antigo morador com o novo morador da “Vila Silveira” através de imagem das residências instaladas na rua João Jacob Bainy verificamos uma alteração na paisagem da Vila Silveira. O movimento da paisagem diz sobre o olhar a paisagem e abstrair seu movimento intrínseco, ignorar as pessoas, e sentir que há uma identidade entre elas. Carlos (1994, p. 58) diz que "o urbano marca não só o ritmo da vida, mas o modo de vida e o pensar a vida". O urbano expressa os contrastes do espaço produzido pela sociedade, onde o capital trabalho julga as prioridades e diretrizes do processo de produção do espaço. Sendo assim, a paisagem está em pleno

movimento, expressa no cotidiano da cidade, marcado pelo andar apressado, pelos passos largos. Carlos (1994, p. 64) conclui que:

Enfim, a paisagem considerada como forma do espaço geográfico esconde e revela o movimento, sua historicidade e sua natureza social, bem como seu dinamismo determinado pelo tipo de "desenvolvimento" que a reprodução do capital imprime ao processo espacial. O urbano aparece como obra histórica que se reproduz continuamente; onde todos os elementos que atuaram ou atuam no processo histórico estão inscritos, onde a cidade aparece como a materialização da reprodução das relações materiais de produção de determinada sociedade, num determinado momento da história da humanidade.

Dentro desta perspectiva, as figuras a seguir transferem ao observador impressões diversas, mas principalmente a materialidade da diferença socioeconômica que vem se estabelecendo no lugar do estudo. A segregação do espaço urbano se dá conforme o tempo e o espaço estudado. Para Vieira (2005, p. 92), é o modelo de crescimento que impera a lógica do mercado de terras urbanas próprias do capitalismo.

A valorização de lotes, forçando as camadas mais pobres da população a se afastarem do centro, como local de moradia, indo localizar-se nas periferias, sem infraestrutura, reproduz um modelo de crescimento em que impera a lógica do mercado de terras urbanas próprias do capitalismo.(VIEIRA, 2005, p. 92)

O autor Sidney Gonçalves Vieira em sua obra "A cidade fragmentada: o planejamento e a Segregação Social do Espaço Urbano em Pelotas" (2005), fala sobre a segregação que ocorre no espaço urbano da cidade de Pelotas.

Vieira (2005, p.36) considera que:

A segregação espacial é uma nota da paisagem urbana, gerada por distribuição de renda no processo produtivo. A questão da moradia nas cidades evidencia bem esse quadro, marcado pelas diferenças entre as várias zonas de residência, existentes numa mesma cidade. As diferenças de habitações, vão desde o simples lugar debaixo da ponte ou no banco da praça até os suntuosos palacetes e lindas mansões, dos condomínios fechados ou das "zonas nobres" das cidades. As contradições se tornam explícitas no espaço.

Figura 27- Morador antigo (1970)



Fonte: Acervo do Autor, 2017.

As figuras 27 e 28 mostram a diferença socioeconômica já citada pelos proprietários comerciais anteriormente, ficando nítido a necessidade de seus serviços estarem adaptados a essa nova realidade. A rua João Jacób Bainy está em processo não só de transformações urbana, mas também social.

Figura 28- Morador novo



Fonte: Acervo do Autor, 2016.

Não é a seara do trabalho, porém é de fundamental importância entender que os agentes modeladores do espaço são responsáveis pelos processos espaciais e as respectivas formas, pela organização espacial desigual e mutável da cidade capitalista, que permitem a todo momento e ao longo do tempo, as mudanças de localização dentro de uma cidade. Corrêa (1995) diz que os processos espaciais envolvem a ação humana, o tempo, o espaço e a mudança, citando seis processos e suas respectivas formas: centralização e a área central, descentralização e os núcleos secundários, coesão e as áreas sociais, dinâmica espacial da segregação e por último a inércia e as áreas cristalizadas. Na Vila Silveira, isso ficou evidente dentro do tempo estabelecido pelo estudo, pois na última década se elevou muito a valorização do terreno urbano, reflexo dos programas estatais promovidos também na última década, e as imagens anteriores e as duas a seguir mostram isso.

Figura 29- Morador antigo (1980)



Fonte: Acervo do Autor, 2016

Figura 30- Morador novo (2016)



Fonte: Acervo do Autor, 2016

Por fim, quando foi questionado aos entrevistados sobre “Expectativas Futuras”, muitos se manifestaram com boas e ótimas, mesmo com uma crise econômica em andamento no momento da pesquisa, talvez essa positividade observada nas entrelinhas das falas dos entrevistados se dá, principalmente, devido ao anúncio de outro empreendimento imobiliário, o Bairro Quartier, um projeto mais arrojado e de faixa salarial maior que os condomínios atuais, começando a terraplanagem (figura 31) no início de 2017 e esse investimento privado de uma grande construtora se aliou aos investimentos públicos na pavimentação, asfaltamento e calçamento da rua João Jacob Bainy, como mostram as figuras a seguir, tornando-a extremamente movimentada, inclusive é alvo de reclamações de alguns moradores, conforme observados em entrevistas realizadas neste trabalho.

É de fundamental importância, porém sem entrar na seara profundamente, a diferenciação entre desenvolvimento de crescimento de uma cidade, para Souza (2010), desenvolvimento pode ser entendido como uma mudança social positiva, já Furtado (1961), considera que o desenvolvimento econômico é o processo de mudança estrutural da economia que leva à melhoria do bem-estar de sua população:

Desenvolvimento econômico consiste na introdução de novas combinações de fatores de produção visando aumentar a produtividade do trabalho. Quando cresce a produtividade do trabalho aumenta o produto social, isto é,

a quantidade de bens e serviços à disposição da sociedade. Por outro lado, o crescimento da renda provoca nos consumidores reações que aumentam a procura e modificam sua estrutura. O aumento e a diversificação da procura fazem com que também se modifique a estrutura da produção. (FURTADO, 1961).

Diante disso, o processo de produção e (re)produção do espaço é fruto das necessidades do ser humano, é o modo de ocupação da cidade a partir da necessidade de produzir, consumir, habitar ou viver. O urbano é produto histórico, presente e imediato, como produto da produção e reprodução dos seres humanos. A figura a seguir mostra a adaptação de uma residência que passou a ser reformada para ser sede de uma futura farmácia, segundo o investidor, que no caso é um novo comerciante na área, ele viu oportunidade de investimento, já que a Vila Silveira não tem esse modelo de comércio.

Figura 31: Residência reformada pra ser sede de uma farmácia



Fonte: Acervo do Autor, 2016

Na figura a seguir, temos uma residência cedendo lugar para futuros comércios e serviços na sua base e mantendo a função de residência na parte superior, otimizando assim o espaço.

Figura 32- Prédio multifuncional (Residência e Comércio)



Fonte: Acervo do Autor, 2016

As mudanças observadas na paisagem não ocorreram de um dia para o outro, fazem parte de um processo de (re)produção do espaço urbano, notável apenas quando foram considerados alguns anos, no caso em estudo a última década. A seguir teremos imagens da terraplanagem do novo bairro o Quartier em comparação de 2016 e 2017:

Figura 33- Terraplanagem do Quartier.



Fonte: Acervo do Autor, 2016

Figura 34- Placa do Governo Federal - Pavimentação da Rua João Jacob Bainy.



Fonte: Acervo do Autor, 2016

Figura 35- Pavimentação da Rua João Jacob Bainy.



Fonte: Acervo do Autor, 2016

Figura 36- A Rua J.J. Bainy asfaltada em fevereiro de 2017



Fonte: Acervo do Autor, 2017

Figura 37- A Rua J.J. Bainy asfaltada em fevereiro de 2017



Fonte: Acervo do Autor, 2017

Figura 38- Como era a Rua João Jacob Bainy antes dos investimentos públicos do PAC2



Fonte: Diário Popular, 2015.

Figura 39- Terraplanagem do novo bairro



Fonte: Acervo do Autor, 2017

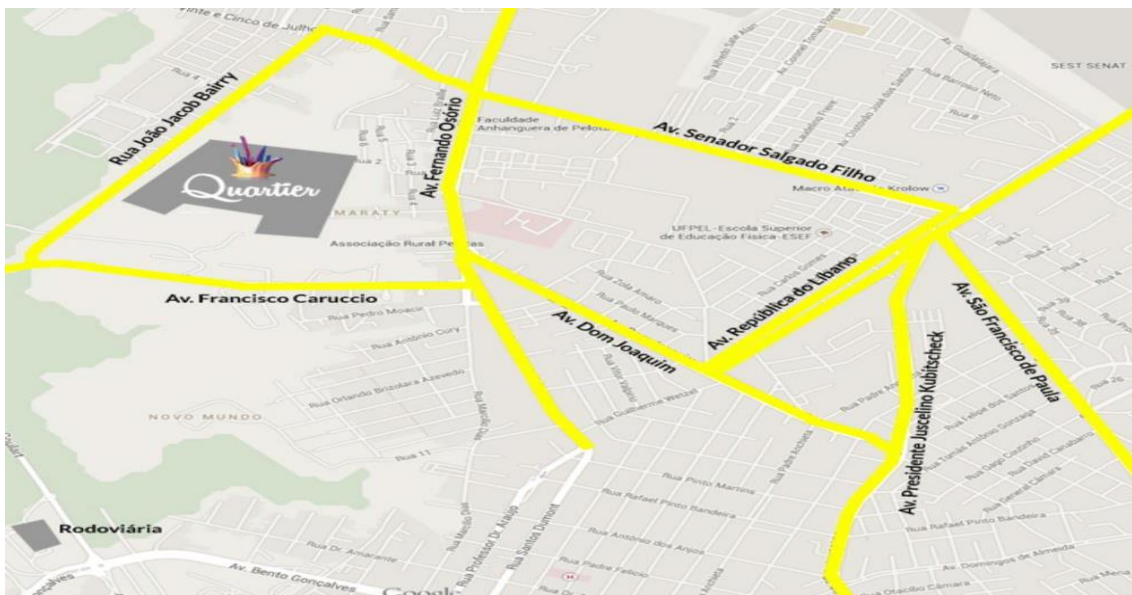
Figura 40- Terraplanagem e instalação de drenagem do novo bairro



Fonte: Acervo do Autor, 2017

Mesmo antes do início das obras, o Bairro Quartier já vem causando expectativas nos moradores da Vila Silveira, pois a ideia de investimento extrapola a realidade do lugar, deixando assim novas possibilidades de mudanças de paisagens.

Figura 41- Croqui de divulgação apresentado pelos investidores da ideia



Fonte: Material de divulgação da empresa que lidera a ideia, 2016.

Figura 42- Maquete apresentada na FENADOCE, 2015.



Fonte: Empresa que lidera a ideia do Bairro Quartier, 2015.

Figura 43- Maquete apresentada na FENADOCE, 2015.



Fonte: Empresa que lidera a ideia do Bairro Quartier, 2015.

Ainda dentro da perspectiva de futuro, a Vila Silveira se mostra resiliente e transformadora com grande capacidade de investimentos que vem modificando sua

estrutura física e também de movimentação e serviços públicos como, pavimentação, asfaltamento, água, esgoto, eletrificação, serviços de internet, de tvs por cabos e assinaturas e também de serviços e comércios locais, logo isso impacta diretamente na paisagem do loco estudado.

Figura 44- Serviço de Asfaltamento na rua João Jacób Bainy



Fonte: Acervo do Autor, 2016

Figura 45- Rua João Jacob Bainy, já asfaltada



Fonte: Acervo do Autor, 2016

Figura 46- Bonecos colocados por moradores em forma de protesto na demora da obra na rua João Jacób Bainy



Fonte: Acervo do Autor, 2016

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi proposto para o desenvolvimento desta dissertação, buscamos destacar algumas considerações que possam ajudar a esclarecer e a explicitar o que realmente tentamos realizar no decorrer de toda a trajetória que envolveu as partes teórica e empírica, visto que muitas vezes esse processo não se completa da forma como esperamos. Assim, vários referenciais teóricos afirmam que um trabalho científico deve contemplar fontes seguras, ou seja, não devemos utilizar qualquer informação para que cheguemos às conclusões que convençam apenas superficialmente, pois é preciso revelar o que está por trás daquilo que não conseguimos perceber ou mesmo enxergar. Portanto, o que vimos demonstradas são situações que refletem as dúvidas e incertezas que estiveram presentes nos momentos que se seguiram para que este trabalho fosse elaborado, embora a temática central comércio de bairro e sua metamorfose diante da dinâmica urbana não se esgote aqui, já que são inúmeras as indagações que permeiam o conhecimento científico, mas que servem de estímulos para que novas ideias surjam para serem colocadas em prática de no contexto da geografia urbana, mais precisamente, na área específica de comércio e consumo.

A hipótese perseguida diante da área da Geografia de Comércio e Consumo foi: “As transformações urbanas ocorridas na área estudada impulsionaram e metamorfosearam o comércio de bairro?”

Pois bem. O espaço urbano se caracteriza pela heterogeneidade de elementos, e um desses elementos é o comerciante inserido neste espaço que ao mesmo tempo serve de lugar de consumo e também de conflito e isso vem se intensificando cada vez mais, principalmente no ambiente de grande fluxo e de interesses diversos, explicitado na dissertação.

Foi ao pensar dessa maneira que o trabalho que desenvolvemos esteve diretamente ligado ao objeto de estudo, fazendo parte da temática escolhida que tem como principal objetivo analisar transformação urbana e a dinâmica do comércio de bairro, visto que não podemos considerá-los inertes diante da imagem que a área estudada adquiriu no contexto da geografia urbana e das alterações das paisagens. Sendo assim, fica claro que o crescimento urbano, demográfico e as transformações de paisagem com os empreendimentos imobiliários foram elementos de constantes análises no transcorrer do trabalho e eles corroboram com os objetivos específicos, já

que, no desenvolvimento do trabalho, há evidência de que as transformações urbanas na Vila Silveira estimularam a resiliência do comércio de bairro e a atração de novos investimentos também no setor de comércio e serviço, inclusive colaborando com um “*mix*” de atividades que outrora não era visto.

Assim, é possível perceber que a observação do hoje e o estudo do ontem, no processo regressivo-progressivo, foi um fio condutor do trabalho, o que estabeleceu um recorte de tempo, no caso 2006/2016. Verificamos, pois, grandes transformações e também grandes conexões da parte empírica com a teoria estudada. Além disso, esse trabalho seguiu um caminho com apoio do processo metodológico que pudesse demonstrar o que os nossos olhos veem, fizesse entender as origens, o passado e as virtualidades. Com essas subjetividades aprontas foi necessário buscar objetividades através das observações, pesquisas de campo e entrevistas.

Em termos metodológicos, essas constatações práticas e teóricas se traduzem num conjunto de procedimentos voltados a explorar especificamente a “dupla complexidade” da realidade urbana da última década, com a qual a pesquisa trabalha, porque o local estudado se depara com as metamorfoses internas e externas e isso reflete diretamente no “comércio de bairro”. Assim, a análise da complexidade horizontal é fundamental em um primeiro momento, já que busca a interpretação do hoje, porém, em um segundo momento, a complexidade vertical aprofundará o diagnóstico da pesquisa e buscará uma análise de épocas, o que torna entrevistas e questionários fundamentais para que se vislumbre a ordem próxima e distante da metodologia em questão, desta forma é necessário a datação no transcorrer do trabalho, para que tenhamos maior precisão e coerência entre as complexidades horizontal e vertical.

Outro ponto de destaque foi a escolha pelo método de pesquisa que repousa no Estudo de Caso. Após análises de vários outros métodos, chegamos à conclusão de que esse seria o método mais efetivo para o objeto estudado, no caso, comércio de bairro e sua metamorfose diante da dinâmica urbana. Sendo muito importantes essas constatações nas práticas de pesquisa e a relação com as teorias lidas, uma vez que se traduz num conjunto de procedimentos voltados a explorar especificamente a “dupla complexidade” da realidade urbana da última década, com a qual a pesquisa trabalha. Isso, porque o local estudado se depara com as metamorfoses internas e externas o que reflete diretamente no “comércio de bairro”.

Em consequência, a análise da complexidade horizontal foi fundamental em um primeiro momento, já que busca a interpretação do hoje, todavia, em um segundo momento, a complexidade vertical aprofundou o diagnóstico da pesquisa e buscou uma análise de épocas. Com isso, as entrevistas e questionários foram fundamentais para que se vislumbre a ordem próxima e distante da metodologia com que foi conduzido o trabalho.

No transcorrer do trabalho de campo, tivemos que fazer algumas adaptações nas entrevistas, visto que aquilo que o pesquisador prepara para serem as perguntas poderá aparecer, no meio da pesquisa, sob novas indagações, e não foi diferente neste caso, mostrando que a pesquisa também sofre transformações no processo de investigação. Por sua vez, o trabalho mostrou que muitos comerciantes e prestadores de serviços estão buscando adaptações ao novo mercado que se estabelece. Sim, novo, pois como já citado em capítulos anteriores, são cerca de 10 mil novos moradores atraídos pelos novos empreendimentos imobiliários, que no total somam-se 6 e indo para um possível 7º empreendimento, se o Bairro Quartier prosperar. Dessa forma, um estudo de mercado é fundamental, e acreditamos que esse trabalho também se destina para isso, ou seja, informar ao comerciante e prestador de serviço como ele pode melhorar seu negócio. Mas isso alguns já estão fazendo, como discutido no desenvolvimento deste trabalho, a partir de textos e gráficos, os quais mostram mudanças de comportamento do comerciante e também do mercado consumidor, sendo que o primeiro tem que estar em sintonia com o segundo. Vejamos exemplos: em horário de funcionamento, como o caso da academia que passou a abrir 6h da manhã e fechar às 22 horas, devido à procura destes horários por clientes. Outros exemplos: de ampliação do prédio e de portfólios³ de produtos, e forma de pagamentos, com a introdução das máquinas de cartão. Nesses citados por último, vários estão adaptando-se, assim como a acessibilidade viária de alguns comércios verificados na pesquisa de campo. É bom também registrar que através de dados colhidos do IBGE e da CEF (Caixa Econômica Federal) o trabalho mostra um novo perfil socioeconômicos da Vila Silveira, com potencialidade maior de consumo na teoria. Quando levado à comparação com as pesquisas de campo e questionários, mostrou-se consonante com a impressão dos comerciantes e prestadores de serviços

³ Variedade, multiplicidade de mercadorias e serviços.

do lugar estudado, sendo assim, muitos tiveram que se adaptar a essa nova realidade, resultando em modificações em seus comércios e serviços prestados.

Portanto, fica evidente que o estudo foi realizado em um ambiente que ainda tem espaço pra realizar uma maior transformação, na verdade o lugar de estudo está localizado em um Bairro, no caso Três Vendas, que vem crescendo demograficamente e também em atividades econômicas, por isso que o reflexo imediato é o aumento do valor da terra, que não foi diferente no caso em estudo. A Vila Silveira, como foi verificado no trabalho, tem vários vazios urbanos, esses próximos de vias e avenidas importantes que, na última década, passaram por valorização e especulação imobiliária, refletindo imediatamente no comércio e consumo. Buscando realizar uma convergência entre área de estudo com a geografia urbana, comércio e consumo, esse lugar estudado vem alterando sua capacidade de moradia e de consumo devido aos investimentos do Estado e privados, incluindo o aumento da demografia com um perfil socioeconômico diferenciado. Isso dá margem a expectativas positivas, como foi verificado nas entrevistas com a maioria dos comerciantes e prestadores de serviços.

Outro ponto de relevância do trabalho foi nas entrevistas realizadas com os comerciantes e prestadores de serviços, a qual foi questionado a eles sobre expectativas futuras diante à realidade local, diante do estudo de caso, e global, diante da realidade da temporalidade da crise nacional e global, essa última foi a grande preocupação dos comerciantes e ficou marcado como um dos grandes pontos negativos. Por outro lado, foi abordado, como ponto positivo, a ampliação do mercado consumidor local com mais um empreendimento imobiliário, esse em processo de instalação inicial em 2017, o Bairro Quartier, que está previsto para inaugurar em 2020, com um conceito mais arrojado. Esse novo condomínio vem com ideia de sustentabilidade e promete revolucionar o estilo de morar em Pelotas. A dúvida é se o comércio de bairro atual, objeto desse estudo, irá se beneficiar deste futuro empreendimento imobiliário, que está sendo instalado na Vila Silveira, às margens da rua João Jacób Bainy.

Enfim, na quase totalidade de dados colhidos na dissertação, podemos inferir que a área em estudo está em processo dinâmico de transformação urbana e é imperioso colocar que os programas habitacionais implantados no lugar em estudo, na última década, tem grande importância nesta análise, com isso os promotores imobiliários e construtoras seguem a mesma ordem, pois ocorreu um relevante

aumento de investimento local e logo isso refletiu em melhoria na infraestrutura e no equipamento urbano, com isso, concomitantemente tivemos a alteração na paisagem e na função da Rua João Jacob Bainy e seu entorno, que receberam grande aporte de investimentos financeiros alterando, sem dúvida, o dia a dia no que tange a circulação de pessoas, de mercadorias e de serviços. Por último, e não menos importante, a relevância da temática se estabelece e se realiza, ou seja, esse conjunto de análises foram elementos fundamentais para a realização deste estudo de caso, o qual objetiva relacionar a metamorfose urbana e seus impactos no comércio local ou de bairro.

BIBLIOGRAFIA:

ALVES-MAZZOTI, Alda Judith. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

ARRIADA, Eduardo. **Pelotas – Gênese e desenvolvimento Urbano (1779 – 1835)**. Pelotas: Armazém Literário, 1994. p.

BALSAS, José Lopes. **Urbanismo Comercial em Portugal: e a revitalização do Centro das Cidades**. Lisboa: GEE – Ministério da Economia, 1999.

SALGUEIRO, Barata Tereza.; CACHINHO, Herculano. (2002) **Comércio, consumo e (re)produção do espaço urbano**, *Apontamentos de Geografia*, n.º 14, série investigação, CEG-UL, Lisboa.

CACHINHO, Herculano. **O comércio retalhista português : pós-modernidade, consumidores e espaço**. Lisboa: Gabinete de Estudos e Prospectiva Económica do Ministério da Economia, 2002. 473 p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **“Novas” contradições do espaço**. In: CARLOS, Ana F. A. *O Espaço no Fim do Século: a nova raridade*. São Paulo: CONTEXTO, 2001, p. 62-74.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-Tempo na Metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo, 2001, 368 p.

CARLOS, Ana F. A. **O consumo do espaço**. In: CARLOS, Ana F. A (org). *Novos caminhos da geografia*. São Paulo: CONTEXTO, 2002, p. 173-186.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri;

SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs). **A produção do espaço urbano: agentes e processo, escala e desafios**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2011, 234 p., p. 53-73.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª ed. Rocco, Rio de Janeiro, 1997.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Ed. Bookman, 2004.

FURTADO, Celso. **O longo amanhecer**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. 116 p.

_____. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. 1961.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GONÇALVES, C. J. de A. **Resiliência, sustentabilidade e qualidade de vida em sistemas urbanos: efeitos da crise (pós-2008) em Portugal e no sistema urbano**

do oeste.2014. 600f. Doutorado em Geografia - Planejamento Regional e Urbano. Universidade de Lisboa- Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Lisboa, 2014.

GOMES, Paulo Cezar da Costa Gomes. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. **Dados do Censo 2010**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 23 de outubro de 2016.

LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Tradução Maria Helena Rauta Ramos e Marilena Jamour. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte:Humanitas, 2002.

LEFEBVRE, Henri, **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática,1991

LEFEBVRE, Henri, **O direito à cidade**. São Paulo : Centauro, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **Para compreender o pensamento de Karl Marx**. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1966.

LÉNINE, V. I. **Os cadernos sobre a dialética de Hegel**. Lisboa: Minerva, 1975.
_____.Materialismo e empiriocriticismo. Lisboa: Avante, 1982.

MARX, Karl. **Para a Crítica da Economia Política**. Trad. Edgar Malagodi. Coleção Os Pensadores. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARTINS, José de Souza. **Henri Lefebvre e o Retorno da Dialética**. 1.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 31º Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, Solange. **Origem e desenvolvimento do bairro Três Vendas - Pelotas/RS**. Disponível em: < www.agb.org.br/evento/download.php?id_trabalho > Acesso em: 08 de agosto de 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS.**Lei 5.502-III Plano Diretor Municipal**. Disponível em:http://www.pelotas.rs.gov.br/politica_urbana_ambiental/planejamento_urbano/Acesso em: 15 de Outubro de 2016.

PETER, Andre Pinho, RAMOS, Shana Monte, PINTO, Vinicius Lacerda.**A Produção do Espaço Urbano Regional do Rio Grande do Sul Analisada por meio de diferentes temporalidades do presente**.In: VIEIRA, Sidney Gonçalves. Cadernos de Estudos Urbanos e Regionais Comércio e Consumo Urbano. Pelotas: Editora Gráfica da Universidade Federal de Pelotas,2009.

SANTOS, M. **Por Uma Economia Política da Cidade**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SANTOS, M. **Por uma Outra Globalização: do pensamento único a consciência universal**. Rio de Janeiro: RECORD, 2000.

SANTOS, Milton. **Manual de Geografia Urbana**. São Paulo: HUCITEC, 1981, p. 181-2.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço e Tempo. Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, Milton. **Pobreza Urbana**. São Paulo: HUCITEC, 1978, 119 p.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: NOBEL, 1986, 88 p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes; **Pesquisa de Campo em Geografia**. Encontro Estadual de Geografia de Minas Gerais. 2009. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/78/76>. Acesso em: junho de 2016.

SPÓSITO, Eliseu Savério, **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico..** São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. **A cidade Fragmentada: o planejamento e a segregação social do espaço urbano em Pelotas**. Pelotas: Ed. UFPel, 2005.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. **A espacialidade da Tecnologia. Organização e Estruturação da produção e do trabalho da cidade**. Pelotas: Ed UFPel, 2009.

UNHABITAT. Diálogo 5, Nota conceitual. **Mejorando los Niveles de Resiliencia Urbana**. 2014. Disponível em: Acesso em: 15 Set. 2015.

YÁZIGI, Eduardo. **A importância da paisagem**. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.) Paisagem e Turismo. São Paulo: Contexto, 2002.

<http://letras.terra.com.br/engenheiros-do-hawaii/747530/>